

DE00972014RL/RCMC

Director:

Francisco Figueiredo

Semanário Regional

Quinta-feira,

1 de Maio de 2025

Ano: 112 | N.º: 5996

PREÇO DE CAPA: 0,50€

NOTÍCIAS DA COVILHÃ

A dar notícias desde 1913

| | | | |
|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|
| 5.ª F ☀️ 8° 24° | 6.ª F ☁️ 9° 25° | Sáb. ☀️ 8° 23° | Dom. ☁️ 9° 24° |
| 2.ª F ☁️ 9° 23° | 3.ª F ☁️ 8° 20° | 4.ª F ☁️ 7° 19° | ☀️ 06:35 h ☀️ 20:21 h |

OPINIÃO

"A greve e a questão da fêria", por Avelino Gonçalves
Pág. 10

UBI

Honoris Causa para o presidente do BPI
Pág. 7

PENEDOS ALTOS

Crianças apontam propostas para um bairro de sonho
Pág. 5

BELMONTE

Fixar cidadãos brasileiros vai continuar a ser aposta
Pág. 15

MANTEIGAS

Vereador eleito pelo PSD é o candidato do PS à Câmara
Pág. 16



25 DE ABRIL

PERPETUAR QUEM LUTOU PELA LIBERDADE

Págs. 3 E 4

ANA RIBEIRO RODRIGUES

ADRIANO CASTANHEIRA



Págs. 12 e 13

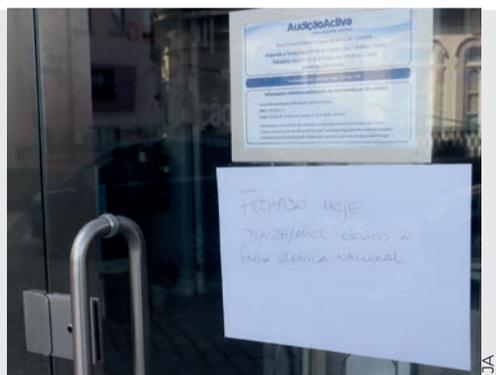
DA ERADA PARA "O OUTRO LADO DO MUNDO"

DR

COVILHÃ

Pág. 14

SEM LUZ DURANTE ONZE HORAS



SP. COVILHÃ

Pág. 20

PERMANÊNCIA JOGA-SE NA ÚLTIMA JORNADA

PUBLICIDADE

Marialva Medieval

MÉDA

9, 10 e 11 de maio

Perca-se no tempo...



CRÓNICA

GARANTIR ABRIL

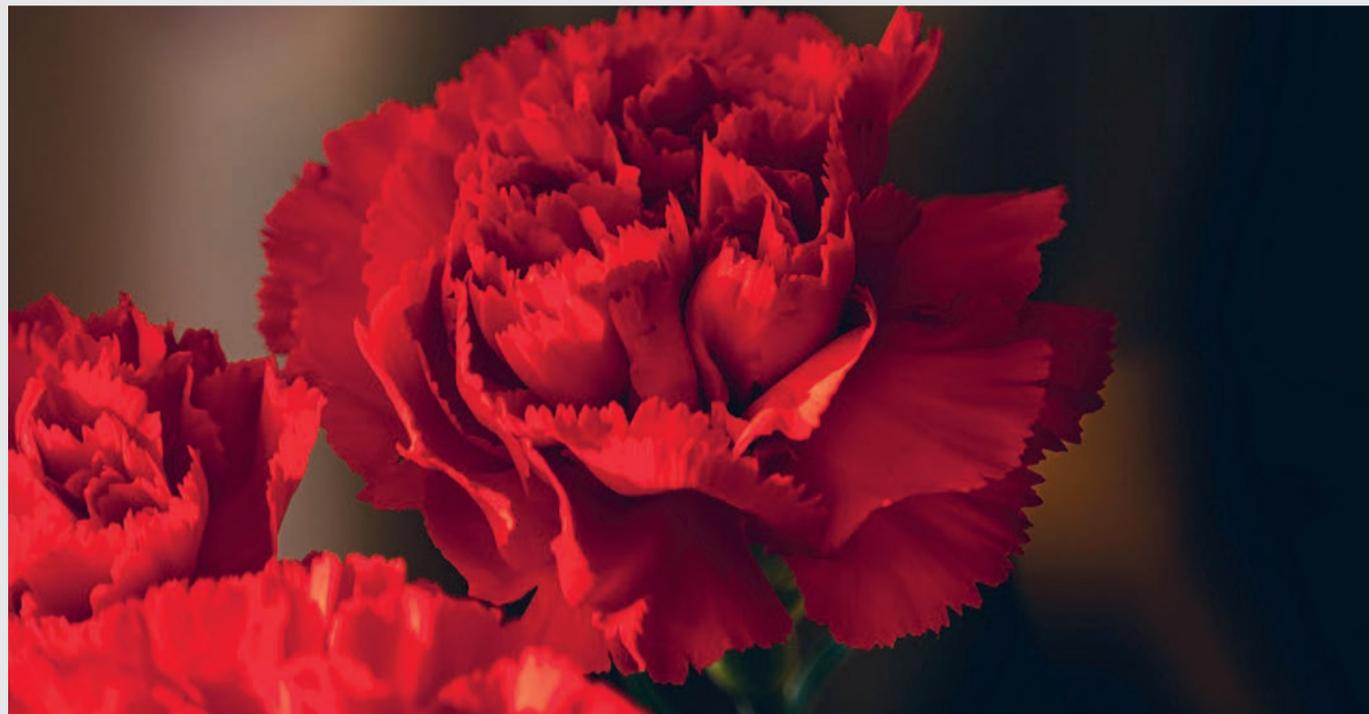


FRANCISCO FIGUEIREDO
DIRECTOR

*“Quando eu morrer
batam em latas,
Rompam aos saltos
e aos pinotes,
Façam estalar no ar
chicotes,
Chamem palhaços e
acrobatas!*

*Que o meu caixão vá
sobre um burro
Ajaezado à
andaluza...
A um morto nada se
recusa,
Eu quero por força ir
de burro”.*

Mário de Sá Carneiro



PIXABAY

O governo, o partido que o suporta, e o ministro Amaro, mostraram de que são feitos, ao justificarem de forma bem esfarrapada diga-se, a não participação em qualquer iniciativa que se parecesse com festejar Abril. Cheirou um pouquinho a “finalmente temos um motivo para não irmos para a rua cantar a liberdade”, mesmo sabendo que é graças a ela que nos regimes democráticos os políticos são eleitos e, que mesmo que o façam mal, é essa liberdade que lhes permite o exercício do poder. Lá está, Poder e Liberdade, duas parangonas – chamemos-lhe assim- com que se titula vinte e cinco de abril, e que lhes permite pensar em suspender a democracia. Como se isso fosse possível. Agora sou eu que escrevo, “O luto é a arma da liberdade”. É precisamente respeitando a morte do

Papa, que devemos comemorar a sua vida, a sua força, e o seu amor por nós, por todos nós. Independentemente da crença, da fé. Estava eu nestes preparos quando assisti à mesma linha de pensamento, na forma como o Presidente da República prestou tributo a Francisco, e do mesmo modo sublinhou como a implementação da democracia em Portugal, é algo que não podemos ignorar. Por duas vezes, primeiro como convidado de um jantar na Associação 25 de Abril, em que assertivo como nunca exultou a jornada revolucionária como celebração única nas nossas vidas, e na sessão solene do parlamento, em que com mais uma brilhante peça de oratória, achou transversalidade nos anseios do cidadão nado em Buenos Aires, e nos que motivaram o golpe militar que em Portugal derrubou a ditadura. Anseios de mudança.

Tal como nós ousamos pedi-la, também ele, o chefe da igreja católica, o fez vezes sem conta. Na verdade, a Igreja de Roma não terá mudado assim tanto como o desejado, e quanto a nós, estamos conversados. Na defesa dos pobres e oprimidos, no respeito pelas minorias, na luta contra as desigualdades, na condenação de injustas guerras, Francisco, como Marcelo referiu, conheceu e percorreu as ruas da humanidade, e esse caminho, e a forma humilde como o tomou, faz dele um dos nossos. Olhando para a vida de Francisco, estou tão convicto de que no momento da sua morte, ele gostaria que nós exultássemos alegria e felicidade. Como no Fim de Mário de Sá Carneiro, mas simultaneamente meio para que ambicionemos a cada gesto nosso, aliviar o sofrimento de cada um de nós. Esse é também um bom princípio para garantir Abril.

FICHA TÉCNICA

Notícias da Covilhã – Semanário Regional

DIRECTOR Francisco Figueiredo | REDACÇÃO/COORDENAÇÃO Ana Ribeiro Rodrigues (C.P. 4639) | EDIÇÃO João Alves (C.P. 3898) | PAGINAÇÃO Rui Delgado | DESIGNER Francisca Caetano COLABORADORES André Amaral, António Rodrigues de Assunção, Carlos Madaleno, Filipe Pinto (foto), José Avelino Gonçalves, Pedro Seixo Rodrigues, Graça Rojão | CORRESPONDENTES João Cunha (Paul), Maria de Jesus Valente (Erada) e Rui F. L. Delgado (Teixoso) | IMPRESSÃO FIG – Indústrias Gráficas SA – Rua Adriano Lucas, 3020-265 Coimbra; SEDE DO EDITOR (Contabilidade, publicidade, redacção e administração) Notícias da Covilhã – Rua Jornal Notícias da Covilhã, 65 R/C; 6201-015 Covilhã | PROPRIETÁRIO Gold Digger, Lda.; NIPC 513 904 301 | DISTRIBUIÇÃO Notícias da Covilhã | N.º DE REGISTO 101753 | N.º DEPÓSITO LEGAL 513502/23 | TIRAGEM 6 mil exemplares (semana) | TELEFONE 275 035 378 | CONTACTOS geral@noticiasdacovilha.pt, redacao@noticiasdacovilha.pt, comercial@noticiasdacovilha.pt

112
ANOS

COVILHÃ



Peça “procura perenizar os princípios da revolução de Abril”

ANA RIBEIRO RODRIGUES

CONJUNTO ESCULTÓRICO

RESISTENTES DA COVILHÃ PERPETUADOS NO PELOURINHO

Monumento evoca todos os que lutaram e sofreram pela liberdade

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Foi inaugurada na sexta-feira, dia em que se assinalaram os 51 anos do 25 de Abril, na Praça do Município da Covilhã, um conjunto escultórico de homenagem “aos covilhanenses que lutaram e sofreram pela liberdade”, com oito peças, uma de cor verde e sete em vermelho que invocam sete palavras “para celebrar Abril”: revolução, povo, liberdade, democracia, paz, igualdade e progresso.

José António Pinho, várias vezes preso pela polícia política e membro da oposição democrática durante o Estado Novo disse que a peça tem para si “um significado muito especial”, que nela cabem todos os resistentes e famílias e considerou que não representa apenas o passado, mas o futuro para o qual se deve olhar, tendo como referência o que foi o passado.

“O passado é importantíssimo, porque sem passado é impossível haver presente. Isto é um baú da memória”, referiu Pinho, segundo o qual o monumento, localizado num espaço onde os

oposicionistas muitas vezes se juntavam para falar, também apela para as palavras proferidas por si, dia 26 de Abril de 1974, na varanda da Câmara Municipal: “à tranquilidade, ao respeito, à compreensão”.

Por suspeita de atividades subversivas, e sem nunca ter ido a julgamento, o então bancário José Pinheiro da Fonseca foi privado de liberdade, salienta que a peça está “no local mais nobre da cidade” e espera que quem no futuro passe por este trabalho “modernista” se questione sobre as suas motivações e “pensem nas razões da sua ereção”.

Para o presidente do município, Vítor Pereira, esta foi uma forma de “honrar, engrandecer, homenagear todos quantos lutaram pela liberdade, gente corajosa que se destacou no combate ao antigo regime”.

A intenção foi “fazer-lhes justiça, na medida do possível”, simbolizando “o espírito e garra dos covilhanenses”, num concelho que “sempre foi terra de luta, de resistência e de coragem”. Até chegar o dia da revolução, “não se podem esquecer todos os que antes já lutavam por um país livre e democrático”.

“Aqui era uma zona de luta, porque todas as fábricas eram sítios ideais para a organização, para as organizações

Concelho “sempre foi terra de luta, de resistência e de coragem”



José António Pinho e Pinheiro da Fonseca estiveram presentes na cerimónia

ANA RIBEIRO RODRIGUES

sindicais”, lembrou João Casteleiro, presidente da Assembleia Municipal, para quem “o povo covilhanense sempre lutou arduamente por melhores condições de vida, por mais liberdade e mais justiça social”.

João Casteleiro enfatizou que a revolução era uma questão de tempo e que a peça escultórica “simboliza a comunhão entre as pessoas, porque todas necessitavam dessa liberdade”, sendo que homenageia os conhecidos e os muitos anónimos que construíram Abril.

A presidente da Comissão das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, Elisa Pinheiro, referiu que foram feitas muitas iniciativas, sobretudo de natureza mais efémera, e que o conjunto escultórico “procura perenizar os princípios da revolução de Abril”.

Na peça, acentuou, cabem não apenas quem esteve preso, mas também outras vítimas do antigo regime e “todos os familiares que sofreram na pele as restrições decorrentes do castigo que sofreram estas pessoas que lutaram pela liberdade”.

Jorge Reis, o autor, natural de Unhais da Serra, explicou que o conjunto escultórico que concebeu é uma homenagem “a quem preparou para os militares o caminho para a democracia”.

A opção pela transparência visa permitir ver o edifício da Câmara Municipal, as letras estão também associadas às formas circulares das arcadas e escritas numa fonte criada para o efeito a que foi dado o nome Alfabeto Salgueiro Maia/ Covilhã. Os recortes dos painéis são inspirados graficamente no edificado da Covilhã, onde predominam as fábricas.

COVILHÃ



“O poder local é, de facto, a verdadeira força do povo”, afirmou o presidente da Assembleia Municipal

TRIBUTO AO PODER LOCAL

AUTARCAS ELEITOS EM DEMOCRACIA HOMENAGEADOS

Presidentes das juntas de freguesia, da Câmara da Covilhã e da Assembleia Municipal representaram cerca de três mil autarcas

ANA RIBEIRO RODRIGUES

A Câmara da Covilhã reconheceu, na noite de dia 23, integrado nas comemorações dos 51 anos do 25 de Abril, o trabalho feito pelos cerca de três mil autarcas eleitos no concelho em democracia, durante a cerimónia de Tributo ao Poder Local.

Em nome de todos os antecessores, os atuais presidentes das juntas de freguesia, assim como os presidentes da Assembleia Municipal e os três presidentes vivos da Câmara da Covilhã, Vítor Pereira, Carlos Pinto e Jorge Pombo, subiram ao palco para

receberem a distinção que pretendeu agradecer o trabalho feito pelos elementos de todos esses órgãos autárquicos.

A noite contou com momentos musicais protagonizados por Paulo de Carvalho e por Pedro Jóia, um espetáculo que, segundo o portal BASE, teve um custo de 38 mil 250 euros.

Vítor Pereira, presidente do município, frisou que se pretendeu agradecer a todos os que foram eleitos em eleições livres o contributo dado em prol do bem comum e destacar “uma grande equipa de sensivelmente três mil autarcas que conseguiu mudar o rosto da Covilhã e do seu concelho”.

“Quisemos dizer-lhes a eles, aos que estão vivos e aos parentes daqueles que, infelizmente, já não estão entre nós, com este sentimento de gratidão que também caracteriza os covilhanenses, obrigado por tudo o que fizeram pela nossa cidade e pelo

nosso concelho”, realçou Vítor Pereira.

O presidente do município lembrou que o poder local foi uma das conquistas de Abril e frisou que “os autarcas são os que estão mais próximos dos cidadãos e têm essa incumbência, têm essa missão de ajudar a resolver os problemas, de criar infraestruturas, de tratar bem aquilo que tem a ver com o social, com a educação, com a habitação, com aquilo que diz respeito às nossas vidas”.

“O poder local é, de facto, a verdadeira força do povo. O Governo tem a importância que tem, como nós sabemos, mas depois, quem lida com a maior parte dos problemas das populações é quem está no terreno. E são, de facto, os presidentes de câmara, os presidentes das juntas de freguesia, as pessoas que estão na alma do povo”, venceu o presidente da Assembleia Municipal da Covilhã, João Casteleiro.

João Casteleiro sublinhou que “o poder local tem uma importância ímpar” e frisou que este agradecimento nunca corresponderá “ao esforço” feito por quem está mais próximo da população.

ESTRATÉGIA LOCAL DE HABITAÇÃO

MUNICÍPIO FEZ ENTREGA SIMBÓLICA DE DEZ CASAS

■ Dez famílias receberam na quinta-feira, 24, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, as chaves de dez casas reabilitadas no âmbito da Estratégia Local de Habitação da Covilhã, que pretende até ao final de junho de 2026, com financiamento a 100%, reconstruir 167 fogos e construir 40 novas casas.

Integrado no programa 1.º Direito- Programa de Apoio ao Acesso à Habitação, que visa apoiar a promoção de soluções habitacionais para pessoas que vivem em condições habitacionais indignas e que não dispõem de capacidade financeira para suportar o custo do acesso a uma habitação adequada, estão já concluídas 92 casas e mais 20 na fase final da obra.

Estão também a decorrer as empreitadas, na Rua Portas do Sol e Rua Comendador Gomes Correia, de habitações da Bolsa Nacional de Alojamento Temporário (BNAUT).

Para arrendamento acessível está prevista a construção de 27 fogos habitacionais.

A Estratégia Local de Habitação da Covilhã, com um período de execução de seis anos, segundo o técnico responsável, tem um investimento previsto de 12 milhões de euros, tem assegurado um financiamento de 9,6 milhões de euros e estão executados cinco milhões de euros desse montante.

“Muito já foi feito e muito há a fazer”, disse o presidente do município, Vítor Pereira, durante a cerimónia “simbólica” da entrega de dez chaves. Segundo o edil, trata-se de um “ambicioso e relevante processo”.

O objetivo é “criar mais e melhores soluções de habitação para os covilhanenses”. “estamos a falar de um direito inalienável, a habitação”, reforçou Vítor Pereira, que espera que mais gente tenha condições para ter uma habitação “com dignidade, com comodidade”.

Ana Ribeiro Rodrigues



Está previsto reconstruir 167 fogos e construir 40 novas casas

COVILHÃ



“É importante as crianças perceberem que as suas opiniões contam”, referiram os promotores

ANA RIBEIRO RODRIGUES

PENEDOS ALTOS

CRIANÇAS APRESENTARAM PROPOSTAS PARA UM BAIRRO MELHOR

Na iniciativa O Bairro Que Sonhamos, os alunos percorreram as ruas e sugeriram o que gostariam de ver melhorado na sua comunidade

ANA RIBEIRO RODRIGUES

O excesso de pontas de tabaco no chão, a necessidade de requalificar e criar mais espaços desportivos, instalar bebedouros de água, ter uma arquitetura urbana que facilite a mobilidade das pessoas com deficiência, cumprir os horários definidos dos autocarros, ter a piscina finalmente aberta, reparar o equipamento da ponte pedonal, ter mais e passadeiras com maior visibilidade ou mais locais para brincar foram algumas das propostas feitas por cerca de 70 crianças da Escola Básica dos Penedos Altos, que participaram na iniciativa O Bairro Que Sonhamos.

Alunos do 3.º e 4.º anos fizeram uma caminhada pelo bairro, avaliaram o que existe de bom e menos bom e verteram os seus contributos escritos em papel ou desenhados em telas, mostradas à comunidade na quarta-feira, 23. No dia 30 a exposição está na Liga dos Amigos

dos Penedos Altos (LAPA), parceira da Coolabora no projeto.

“Participámos para melhorarmos o nosso bairro e espero que nos ouçam. Eu espero que não estejam sempre a mudar os horários dos autocarros e que arranjem o campo desportivo”, manifestou Eduardo Carrolo, de 9 anos.

“Deviam apagar os grafites e as pessoas com deficiência têm dificuldade em andar pelo bairro”, apontou Maria Inês Silva. Leonor Ribeiro lamentou ter deixado a natação, por a piscina estar fechada há dois anos e achar que está a demorar resolver o problema. A David Santos fez impressão a quantidade de beatas no chão e pede que haja mais sítios para beber água. “E os buracos na ponte”, acrescentou Duarte Silva. Matilde Proença referiu a água que se concentra nas traseiras da escola quando chove, os problemas com os esgotos no estabelecimento escolar, a necessidade de um campo de jogos e Carolina Cunha indicou as lajes partidas, que devem ser substituídas.

“Esperamos que as nossas ideias sejam implementadas. Há coisas que todos podemos tratar, outras têm de ser os políticos”, salientou Vasco Tavares.

Graça Rojão, diretora-executiva da Coolabora, destacou a importância da

O que fizemos foi ver as coisas na perspetiva das crianças



Dirigente da LAPA acentua importância de os mais novos terem voz ativa na sociedade e “sonharem ainda mais”

ANA RIBEIRO RODRIGUES

iniciativa “do ponto de vista da educação para a cidadania, para a participação cívica”. “O que fizemos foi ver as coisas na perspetiva das crianças, mas também é uma forma de, através da ação, elas perceberem que têm algo a dizer sobre os espaços que habitam”, acrescentou.

“É importante as crianças perceberem que as suas opiniões contam e que são valiosas. Queremos também que a comunidade as reconheça como interlocutoras e queremos conseguir implementar algumas das ações que foram propostas”, frisou Graça Rojão, da Coolabora, que já fez o mesmo na Escola de Santo António, no âmbito do projeto Nós Vamos.

Para a professora Aida Fazendeiro a ação foi importante para a comunidade escolar “dar uma volta pelo bairro e ver com olhos de ver o que normalmente não chama tanto a atenção”. As pinturas apresentadas “representam a vontade destas crianças sobre como melhorar o bairro”. Fernando Batista, também docente, considerou a iniciativa “uma oportunidade de os alunos apresentarem as suas reivindicações” e participarem no desenvolvimento do bairro.

“É um exercício de olharem para a realidade que os cerca, para o bom, para o menos bom, e perceberem que, mesmo crianças, devem ter uma voz ativa. Devem ser ouvidas, serem cidadãs”, acentuou José Duarte, dirigente da LAPA, que saudou a possibilidade de, “porventura, sonharem mais ainda”.

Foi o que fizeram alguns, que gostariam de ter no bairro chervias com sabor a pastilha elástica, um escorega que projeta chocolates, um parque desportivo na escola, um carro de algodão doce ou um robot que acabe com a diabetes.

COVILHÃ



Pinheiro-manso está situado ao cimo das escadas de acesso à ponte pedonal e tem entre 110 e 120 anos

FLORA

PEDIDA CLASSIFICAÇÃO DE ÁRVORES CENTENÁRIAS NOS PENEDOS ALTOS

Requerimento para proteger sequoia e pinheiro-manso já foi entregue ao ICNF

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Há duas árvores centenárias na Covilhã com pedido de classificação em curso junto do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). Em causa estão a sequoia e o pinheiro-manso que se encontram no Bairro dos Penedos Altos, em frente à escola, muito anteriores à construção das edificações à volta.

José Duarte, dirigente da Liga dos Amigos dos Penedos Altos (LAPA), entidade impulsionadora da iniciativa, sublinhou que “são árvores nobres, centenárias, que precisam de atenção e de proteção, não é só uma questão de ter ali uma placa”.

O requerimento formal, com a entrega do dossier, já foi apresentado e aguarda-se que um técnico especializado do ICNF faça a análise às árvores e certifique as suas características e particularidades.

José Duarte espera que, após serem certificadas a dimensão, volumetria, idade, raridade e características das duas árvores, se avance para o

processo de classificação, para que se iniciem mecanismos de proteção que preservem da forma mais indicada a sequoia e o pinheiro manso.

“Queremos que sejam classificadas como árvores, merecem a proteção não só do município, mas também do ICNF e, se assim for, passam a ter uma proteção especial, que não pode ser violada”, acrescentou o dirigente da LAPA.

Além de uma placa com informação precisa sobre ambas as árvores, espera-se que essa classificação garanta a proteção do tronco e, no caso do pinho manso, a devida e indicada poda sanitária, que retire os braços pesados e secos que prejudiquem a árvore.

Sobre os prazos que o processo de classificação pode implicar, José Duarte tem a expectativa de que não demore muito tempo.

“Nós desejávamos que não demorasse muito, mas não sabemos. Se demorar, iremos insistir. Mas a ideia também é que haja um outro olhar para a natureza, para as árvores que temos no bairro, porque o bairro dos Penedos Altos é um dos bairros da cidade que tem maior quantidade de arvoredo”, acrescentou José Duarte.

Segundo o responsável da LAPA,



Sequoia centenária está localizada em frente à escola do bairro

“

São árvores nobres, centenárias, que precisam de atenção e de proteção”

outras espécies com dimensão considerável no bairro são o cedro-do-himalaia e o cedro-do-atlas.

No caso da sequoia em frente à escola dos Penedos Altos, terá cerca de cem anos e o pinheiro-manso entre 110 e 120 anos, anteriores à construção do bairro, há mais de 70 anos.

COVILHÃ

FESTIVAL DE ARTE URBANA

WOOL COM AÇÃO COMUNITÁRIA EM TODO O CONCELHO

Evento decorre entre 21 e 29 de junho

A 12.ª edição do Wool, Festival de Arte Urbana da Covilhã, realiza-se entre 21 e 29 de junho e a ação artística comunitária “Todos Somos o Outro” é uma das novidades da programação, a apresentar na totalidade este mês.

O projeto vai desafiar a comunidade e instituições de solidariedade social de todo o concelho a participar na elaboração de um tapete de

grandes dimensões que ocupará um local central na Covilhã.

A peça vai ser feita através da técnica de esmirna sobre uma base retangular de pequena dimensão e da transformação de milhares de farrapos e quilómetros de lã, numa conexão natural com a identidade do território.

A coordenação da iniciativa é da responsabilidade do projeto A Avó Veio Trabalhar e visa aproximar gerações, com o foco principal nos idosos.

“Acreditamos que é no envolvimento (e natural encontro) de toda(s) a(s) que habita(m) este nosso território, numa prática artística e construção partilhada e participada, em espaço público, que poderemos fortalecer-nos enquanto sociedade”, referiu a diretora artística, Lara Seixo Rodrigues.

A próxima edição volta a contar com a pintura de murais, conferências, instalações, exposições, música e cinema.



Organização destaca “prática artística e construção partilhada e participada”

Peça comunitária vai envolver instituições de solidariedade social de todo o concelho



UBI celebra 39 anos

UBI

HONORIS CAUSA PARA PRESIDENTE DO BPI

■ O presidente executivo do Banco BPI, João Pedro Oliveira e Costa, vai ser agraciado pela Universidade da Beira Interior (UBI) com o doutoramento honoris causa na quarta-feira, 30, dia em que a instituição completa 39 anos.

A mais alta distinção honorífica da academia “reconhece o trajeto de excelência no campo empresarial do atual presidente executivo (CEO) e membro da Comissão Executiva do Conselho de Administração do Banco BPI”.

A entrega da distinção acontece durante a sessão solene das comemorações do Dia da Universidade.

João Oliveira e Costa, nascido em Lisboa, em 1965, está no BPI, atual Grupo Caixa Bank, há 34 anos, onde liderou o Private Banking e, mais tarde, os Centros de Investimento do banco, cargos que ocupou até 2014.

Antes de ser nomeado CEO em novembro de 2020, era responsável pelas áreas de negócio de Particulares e Negócios e Membro da Comissão Executiva do BPI.

O doutoramento honoris causa foi proposto pela faculdade de Ciências da Saúde. O início da sessão solene está marcado para as 14:30, no Auditório da Faculdade de Ciências da Saúde.



Socialista Serra dos Reis integra lista independente

AUTÁRQUICAS

SERRA DOS REIS NÚMERO DOIS DE CARLOS MARTINS

■ O vereador socialista Serra dos Reis, até dezembro vice-presidente da Câmara da Covilhã, é o segundo nome da lista liderada por Carlos Martins às próximas eleições autárquicas.

O anúncio foi feito após a sessão solene do 25 de Abril e Carlos Martins, presidente da União de Freguesias

da Covilhã e Canhoso, socialista que encabeça a candidatura independente “Pelas Pessoas, considerou Serra dos Reis “um grande líder”.

Carlos Martins disse que o vereador “foi fundamental para que o município da Covilhã conseguisse alguns objetivos em termos urbanísticos e

de planeamento”.

O presidente da Câmara da Covilhã retirou em dezembro os pelouros e a vice-presidência do município a José Serra dos Reis.

Hélio Fazendeiro, atual chefe do gabinete do presidente, é o candidato do PS à Câmara da Covilhã.

OPINIÃO

CRÓNICA



ANA RIBEIRO RODRIGUES

RECORDAR CAMINHOS DA PENTEADORA

ALEXANDRINA ALVES
DIRIGENTE DA LIGA OPERÁRIA CATÓLICA



Fosse manhã cedo para o turno da 6:00, ou de tarde para o turno da noite, que terminava às 22:00, fosse de Verão ou de Inverno, no tempo de calor ou de frio, com sol ou com chuva, foram décadas a pé, por velhos caminhos, hora e meia para cada lado. Vínhamos do Paul, das Cortes e a maioria da Erada para a célebre Penteadora de Unhais da Serra onde, somando às 8 horas de trabalho em pé na fábrica, quase três horas de caminhada, e os caminhos da Penteadora marcaram gerações.

Estava a terminar a década dos anos 60. O problema dos transportes já tinha sido levantado alguns anos antes no jornal Juventude Operária, mas continuava sem resposta. Todos sentiam que a situação era injusta e os militantes da Juventude Operária Católica (JOC) e da Liga Operária Católica (LOC), jovens e adultos a trabalhar naquela fábrica, tinham consciência do esforço que diariamente era exigido e que era preciso encontrar uma resposta.

Com essa determinação, nas reuniões de militantes, e segundo o método próprio dos movimentos operários da Acção Católica (Ver, Julgar e Agir), procuraram aprofundar a causa e consequências do problema acreditando que era possível uma solução para as longas caminhadas. E com esse desencadear

de ações, que passaram também por diálogos com a administração da fábrica e negociações com a Auto Transportes do Fundão, finalmente os autocarros começaram a transportar diariamente as operárias e operários das aldeias vizinhas para a fábrica e da fábrica para casa.

Era o primeiro dos anos 70! A Empresa haveria de reconhecer depois que a solução do transporte melhorou a produtividade.

E foi esse espírito que animou e anima os militantes operários cristãos noutros processos nos quais estava – e está – em causa a dignidade e os direitos dos trabalhadores, sem ignorar o futuro da empresa.

Na Penteadora de Unhais da Serra foram marcantes outros processos de luta dos trabalhadores. Nomeadamente a greve de 1969, na qual os militantes da JOC e da LOC (incluindo a autora deste testemunho), tiveram um papel dinamizador determinante, num tempo em que a greve era proibida e a PIDE vigiava e perseguia mesmo operários que apenas reclamavam a dignidade e os direitos dos trabalhadores, como foi naquele tempo em que a empresa exigia que passássemos de 400 para 800 fusos, o que era humanamente inaceitável.

Nos dias 7 e 8 de Junho realiza-se o XIX Congresso Nacional da LOC/Movimento de Trabalhadores Cristãos. Este movimento de dimensão internacional, tal como a JOC a completar 90 anos no nosso país, tem uma longa história de vida e acção transformadora, especialmente no mundo do trabalho. Também por isso o mês de Maio é sempre um tempo especial de reflexão e compromisso. Mas falar disso não caberia neste texto testemunho.

DIA DE AFIRMAÇÃO

SÉRGIO SATOS
COORDENADOR
DA UNIÃO
DOS SINDICATOS



O 1º de Maio é um dia de afirmação de todos os trabalhadores e por isso saímos à rua, com as reivindicações dos trabalhadores, porque é urgente e necessário o aumento geral dos salários em 150€ para todos os trabalhadores, a valorização das carreiras e profissões, a fixação de 1000€ para o SMN, com retroativos a Janeiro; o aumento real das pensões; a erradicação da precariedade; a revogação das normas gravosas da legislação laboral, nomeadamente a caducidade da contratação coletiva e a reposição do princípio do tratamento mais favorável; a garantia da efetivação da liberdade sindical em todas as empresas e locais de trabalho, entre outras medidas.

É preciso continuar a dar combate a todas e quaisquer tentativas de desregular e agravar o tempo de trabalho (bancos de horas, adaptabilidades, horários por turno, noturnos, laboração contínua) e fazer caminho para a redução gradual para as 35 horas de trabalho para todos sem redução de salário; o reforço dos serviços públicos e das funções sociais do Estado.

Sem serviços públicos de qualidade não há desenvolvimento equilibrado, justo e equitativo do país. Educação, saúde, segurança social, justiça, poder local, ambiente, cultura entre outros, são pilares fundamentais do desenvolvimento integral do indivíduo e das sociedades, garantes de liberdade e democracia. Não queremos um estado assistencialista e esvaziado de funções. É urgente reforçar com recursos humanos e materiais os serviços públicos.

É preciso a redução dos passes sociais nos transportes através do Incentiva+ TP e garantir acessibilidades (ferrovia, IC31e IC6 com a construção do túnel de Alvoaça, entre outras).

Não é aceitável, não aceitamos tal ataque aos salários, direitos e condições de vida!

Por isso, estaremos em diversos locais do distrito a fazer ouvir a voz dos trabalhadores, no Tortosendo com a tradicional Manifestação do 1º de Maio, às 10:00; na Covilhã com a Corrida 1º de Maio e Marcha do Trabalhador às 10:00 e na parte da tarde o desfile às 14:30 e o Comício-Festa no Jardim Público, às 15:00.

OPINIÃO

ILUSTRAÇÃO: LEONOR DIOGO

ALUNA DA ESCOLA
CAMPOS MELO



SOMOS O QUE FAZEMOS?

GRAÇA ROJÃO
DIRETORA-EXECUTIVA
DA COOLABORA



Quando pedimos a alguém para se apresentar, quantas vezes a resposta começa pela profissão? Mas há certamente mais coisas que nos podem caracterizar, para além do nosso trabalho remunerado. Se o trabalho é, grosso modo, um meio de subsistência, também pode ser fonte de realização e de reconhecimento social.

Olhando para as cerca de 46.400 pessoas que residem no nosso Município, diz-nos o INE que 30,8% da população tem 65 anos ou mais e 10,4% tem menos de 15 anos. Somando, 41% das pessoas estão fora da população considerada activa. Felizmente, acima dos 15 anos, há muitas pessoas jovens ainda a estudar, que reforçam esse contingente.

Serão essas pessoas inactivas? Afinal o que é o trabalho? Consiste apenas naquilo que é feito a troco de remuneração? Que poderemos dizer de todo o trabalho não pago como limpar, cozinhar, tratar das roupas, atender aos mais velhos e às

crianças, essas tarefas domésticas e de cuidado, geralmente feitas por mulheres, fundamentais para a sustentabilidade da vida? E o voluntariado na comunidade ou o esforço, que geralmente vem da agricultura familiar, de preservação das levadas de água, das sementes ou da proteção do território face aos incêndios?

É de elementar justiça reconhecer o valor de todas essas tarefas, tão importantes para o nosso bem-estar, que não se encaixam na categoria de trabalho mercadorizado e são frequentemente invisibilizadas.

Há, pois, velhas e novas lutas no mundo do trabalho. Uma luta, que parece nova mas tem séculos, diz respeito à situação laboral das pessoas “uberizadas”, que trabalham “à peça”, em plataformas ditas inteligentes, mas cujo trabalho tem semelhanças com as estruturas de serviço medievais. Vemos os TVDE pelas ruas ou as mochilas da Glovo que saem dos shoppings e dos restaurantes para fazer entregas ao domicílio. Considerados “trabalhadores independentes”, são os “empregados”, empresários em situação de precariedade, para quem direitos como um horário de trabalho, um salário mínimo, fins-de-semana ou dias de folga são miragens.

Há outras lutas que importa lembrar no 1.º

de Maio, como o crescimento do contingente de pessoas que não estão abrangidas pelo Direito do Trabalho. Para além dos motoristas e estafetas das plataformas, há os imigrantes na agricultura intensiva, os trabalhadores digitais ou ainda as pessoas que vivem uma precarização assistida, como é o caso de muitos estágios, bolsas de investigação ou programas ocupacionais.

Nas últimas décadas, a luta pela redução da jornada de trabalho esteve sempre em cima da mesa. Porém, ao desenvolvimento tecnológico e à robotização crescente não correspondeu, contrariamente ao que poderíamos sonhar, uma redução do tempo de trabalho. Continuamos ainda a lutar pela generalização de um horário máximo de 35 horas de trabalho semanal.

Hoje discutimos o teletrabalho e o trabalho remoto, a semana dos 4 dias, o rendimento básico incondicional, mas são lutas que convivem com estas outras, bem antigas.

Diz a Organização Internacional do Trabalho nos seus documentos fundadores, que a paz duradoura e a estabilidade não surgem espontaneamente e que a justiça social é uma condição para a sua possibilidade. Seria bom pensarmos nisso, no 1.º de Maio e ao longo de todo o ano.

OPINIÃO

A GREVE E A QUESTÃO DA FÉRIA

AVELINO GONÇALVES
JUIZ



A cidade da Covilhã é um meio, talvez devido a influências do passado, em que os operários «querem conquistar» e não que lhes «ofereçam», parecendo-nos que só com uma repressão energética, como a que se está fazendo, mas contínua, será possível normalizar a situação naquela cidade, embora convencidos que parte dos operários têm direito a que se olhe pela sua situação - Relatório da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado de 13 de Dezembro de 1941.

Manuel Menino Salcedas berrava rancores contra o Alçada. O ajuntador de estambre, nascido na Aldeia, não ia à bola com o médico industrial, não lhe perdoara a judiação feita à frente das operárias da empresa Alçada & Filho, Sucessor. O rapazola, na escuridão da noite, na súcia com outros operários desavindos, alvejara a casa do Alçada e encabeçara a invasão da fábrica. Vingara-se do patrão, que os emagrecia à fome e que não concordava com a forma como a Circular dos Grémios propunha o aumento da féria dos operários.

Uma estrondosa multidão escoava-se pela Rua Direita, vai-se amontoando no Pelourinho. Berrava-se contra os industriais, pedia-se melhor féria, apedrejava-se a autoridade! Os zelosos guardas da P.S.P. e os soldados do Batalhão nº. 2 da GNR faziam um cordão sanitário, agrediam as

mulheres. O António Mendes Alçada esmifra a espingarda de um descuidado guarda, atira ao militar. Alguns feridos tombam na lama do Pelourinho. Prendem-nos, arrecadam-nos nos baixos do velho edifício filipino.

O grupo de mulheres, embrulhadas em esfarrapados xailes, aumentava. Cada vez mais mulheres, que na vozeria esfomeada encharcavam os ouvidos sensíveis da autoridade. As pedras da calçada saltavam das mãos femininas, calejadas pela brutalidade da vida. O polícia nº. 6 apanha com uma lapada na cabeça, o sangue corre-lhe pela cara abaixo. A injuriar a multidão e os santos, levanta a arma, dispara às cegas. Um rapazola do Tortosendo, que no ano anterior andara entretido a pintar foices e martelos nas paredes imaculadas da escola, tomba com a perna estropiada pela bala. Um grito de ódio ecoa, abana as sólidas paredes do edifício opressor.

O jornalista do Notícias da Covilhã escreve, leva à primeira página a penúria que alastra na cidade, os bandos famélicos cobertos de farrapos, apela a uma união das instituições de beneficência para dar comida a quem tem fome e vestir os desenrolados.

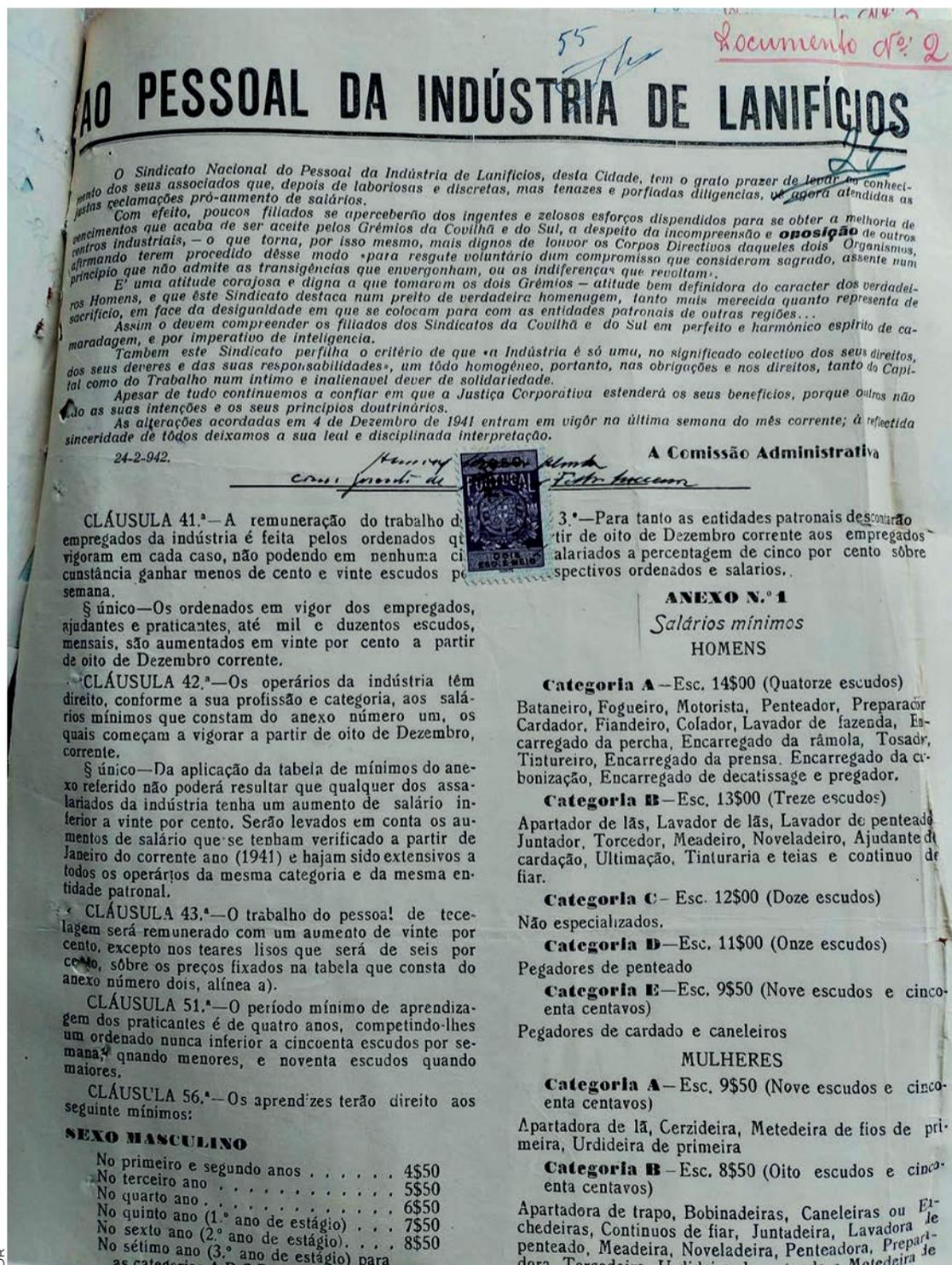
Abafava-se no Tribunal do Trabalho. Os membros do Tribunal Arbitral Corporativo julgavam o operário Manuel Menino Salcedas. Durante as greves, que assolaram as fábricas alapadas na Carpinteira e na Degoldra, faltara injustificadamente ao trabalho. Escapara às garras da polícia, mas não ao zeloso patrão, que considerava a Circular um acto de indisciplina para com o Governo, que não homologara o acordo sobre a revisão do contrato colectivo e exonerara os dirigentes dos Grémios. Os operários andavam agitados pela circular dos presidentes dos Grémios de Lanifícios da Covilhã e Sul. O Dr. Alçada, um industrial disciplinador, despedira-o como elemento agitador. O tipo andara a larear a pevide e encabeçara a multidão de comunistas que lhe invadira a fábrica, insultara as mulheres e praticara actos de sabotagem.

Mas, os membros do tribunal corporativo atrevem-se! Arquivam o processo do operário Salcedas, dão-lhe razão e reafirmam a justiça no aumento dos salários. António Maria das Neves, o industrial que vestia a beca corporativa dos operários, vai mais longe. Aproveita, desanxa nos industriais que não seguem o Grémio na questão dos salários, diz-lhe algumas verdades, ainda trancadas nos gorgomilos. Em plena sala de audiências apelida de traidores os que ali estavam e colaboravam com o Governo, remoca o Dr. Alçada.

O industrial médico não gostou, responde de forma grossa ao Neves, que ocupava a posição de membro do Tribunal Arbitral. O industrial, apoplético, roxo, chama-lhe malandro. Assoprava as palavras e embebia, no lenço branco imaculado, as bagas de suor que lhe saltavam da testa. Com a face luzidia, inflamada, dá bordoadas injuriosas aos do Grémio, que faziam parte da panelinha do movimento que andava a destruir as empresas laneiras:

- Mal vai a sociedade quando a paixão perturba o entendimento dos homens e influencia as sentenças de Justiça, que são chamados a proferir. Uns traidores é o que são!

A coisa termina na justiça ordinária, sobe ao Tribunal da Relação de Coimbra.



REGIÃO

EM CONSULTA PÚBLICA

SERRA DA ESTRELA CANDIDATADA A RESERVA DA BIOSFERA DA UNESCO



ANA RIBEIRO RODRIGUES

Proposta pode ser consultada nos seis municípios que integram o Parque Natural

A proposta de candidatura da Serra da Estrela a Reserva da Biosfera da UNESCO, apresentada na Covilhã na quarta-feira, 23, está em consulta pública nos seis municípios que integram o Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE): Covilhã, Manteigas, Gouveia, Seia, Guarda e Celorico da Beira.

“Ser Reserva da Biosfera da UNESCO é um elemento central e aglutinador do Plano de Cogestão do Parque Natural da Serra da Estrela, porque acreditamos que pode ser mais uma oportunidade para a valorização e a preservação deste património”, disse Emanuel Castro, um dos coordenadores da candidatura, à margem da apresentação do projeto na Guarda, dia 14.

O diretor executivo do Geopark Estrela, classificação atribuída em

2020, salientou que esta área protegida possui um património “inigualável e tem relíquias da biodiversidade que são únicas no país e algumas até a nível mundial, que é preciso preservar através da investigação, educação e valorização”.

A candidatura pode ser também “um compromisso de integração do património natural e das populações, aproximando a área protegida das comunidades”, considerou.

“Como todos sabemos, há muito tempo que há quase um confronto, um distanciamento, entre as pessoas que vivem aqui e o Parque Natural da Serra da Estrela”, referiu Emanuel Castro.

Uma outra intenção da candidatura é “criar, através do conhecimento científico, da educação e das atividades locais, novas sinergias e novas oportunidades de desenvolvimento sustentável”.

O responsável, que coordena o processo juntamente com Helena Freitas, professora da Universidade de

Coimbra, considerou que ser Geopark e Reserva da Biosfera da UNESCO são “portas que se abrem para o desenvolvimento sustentável” da Serra da Estrela.

Será também “o reconhecimento nacional, mas sobretudo internacional, deste território e do valor desta montanha, que é a montanha de Portugal”, acentuou.

“O objetivo é o de que estas designações de Geopark e Reserva da Biosfera, mais do que selos ou marcas internacionais, contribuam

Responsáveis consideram que “pode ser mais uma oportunidade para a valorização e a preservação deste património”.

efetivamente para o desenvolvimento do território. Agora, é óbvio que isto não é uma mudança que ocorre de um dia para o outro, porque é uma mudança de paradigma de desenvolvimento”, reconheceu.

Para o diretor executivo do Geopark Estrela, “o fundamental é colocar o conhecimento científico, a educação e a valorização da identidade ao serviço do desenvolvimento, porque o grande ativo deste território é o valor patrimonial” desta área protegida.

“Há uma Serra da Estrela antes e depois da classificação como Geoparque da UNESCO e a reserva da Biosfera vai ser um complemento a essa estratégia”, frisou.

Emanuel Castro disse esperar que a candidatura seja entregue em junho e que a decisão da UNESCO venha a ser conhecida no verão de 2026.

A futura Estrela Reserva da Biosfera da UNESCO – como vai designar-se – tem uma área de 2.373 quilómetros quadrados e uma população de aproximadamente 130 mil habitantes.



São portas que se abrem para o desenvolvimento sustentável da Serra da Estrela”

ENTREVISTA / Adriano Castanheira

“ESPERO UM DIA PODER VOLTAR ONDE FUI FELIZ”

Aos 32 anos, o esquadro da Erada, com passagens pelo Porto, Nacional, Benfica e Castelo Branco, Sporting da Covilhã, clube onde se afirmou e deseja regressar, Leiria, Paços de Ferreira, Chaves e Penafiel, joga atualmente no campeonato indonésio, no “outro lado do mundo”, onde estranhou o calor, mas se adaptou facilmente a uma nova cultura.

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Notícias da Covilhã - Como foi parar ao Malut, do campeonato Indonésio?

Adriano Castanheira - A ida para o Malut United fez-se através de um grande amigo meu. O clube mostrou bastante interesse na minha contratação, a proposta chegou e eu vi com bons olhos uma mudança de campeonato, depois de já ter tido ‘feedbacks’ positivos de jogadores portugueses que tinham participado no campeonato e vivido na Indonésia.

“

Espero que a minha história possa servir para futuros jogadores jovens da região trabalharem e acreditarem que é possível chegar ao topo”



Como tem sido a adaptação, num clube sem portugueses?

Costumo dizer que sou uma pessoa que se adapta com alguma facilidade e esta vinda para a Indonésia não foi diferente. Tenho a sorte de estar num clube onde maior parte dos jogadores estrangeiros falam espanhol e português, o que torna tudo um pouco mais fácil, porque conseguimos comunicar facilmente. Em relação aos jogadores locais, só mesmo com a língua inglesa e um pouco de Bahasa (língua Indonésia), que se vai aprendendo no dia a dia.

Os tempos livres são passados como?

Quando jogamos fora e estamos em cidades grandes, como Jacarta, eu e a minha mulher aproveitamos para conhecer a cidade, ir até a um shopping, ir ao cinema, etc... Quando os jogos são em casa, e como vivemos numa ilha, as coisas são um pouco diferentes, porque não há tanta coisa para se fazer. Mesmo assim aproveitamos para dar uma volta pela ilha, ver filmes ou séries, estudar, ler, jogar PlayStation, entre outras coisas.

ENTREVISTA / Adriano Castanheira



“Talvez pudesse ter ido mais longe”, reconhece o atacante, “orgulhoso” no seu trajeto

O que lhe provocou mais estranheza na Indonésia, no futebol e fora dele?

O que mais me marcou pela positiva foram as pessoas. São um povo muito querido, muito simpáticos e sempre pronto a ajudar. Uma das coisas que mais estranhei foi o calor, isto porque faz calor o ano todo, mesmo quando tem os períodos de chuva, podemos andar de calção, t-shirt e chinelos, porque é muito abafado, ao contrário do nosso querido inverno na Covilhã. Por ser um país muito quente, no que diz respeito ao futebol,

normalmente os treinos são sempre de manhã muito cedo, por volta das 6:30 / 7:00.

Qual a relação que os indonésios têm com o futebol?

São um povo muito fanático e apaixonado pelo futebol. Normalmente, independentemente de jogarmos em casa ou fora, a maior parte dos jogos costuma ter bastantes adeptos e dá para sentir que é um desporto pelo qual demonstram imensa paixão.

O que mudou na sua vida com a ida para a Indonésia?

O facto de estar longe de Portugal, tanto para mim como para a minha mulher custa-nos sempre bastante, porque, quer queiramos, quer não, acabamos por estar do outro lado do mundo, longe da família e dos amigos. Mas acaba por ser um crescimento e experiência enriquecedora, tanto a nível pessoal como a nível futebolístico. No final, acabamos por abraçar uma nova cultura, nova gastronomia, novas pessoas e são coisas que acabamos por levar para a nossa vida. Infelizmente, o futebol não dura para sempre, e mais cedo ou mais tarde acabamos sempre por voltar onde fomos e somos felizes.

Na primeira aventura no estrangeiro, no ano passado, no Ararat, ganhou a Taça da Arménia. O que retirou dessa experiência?

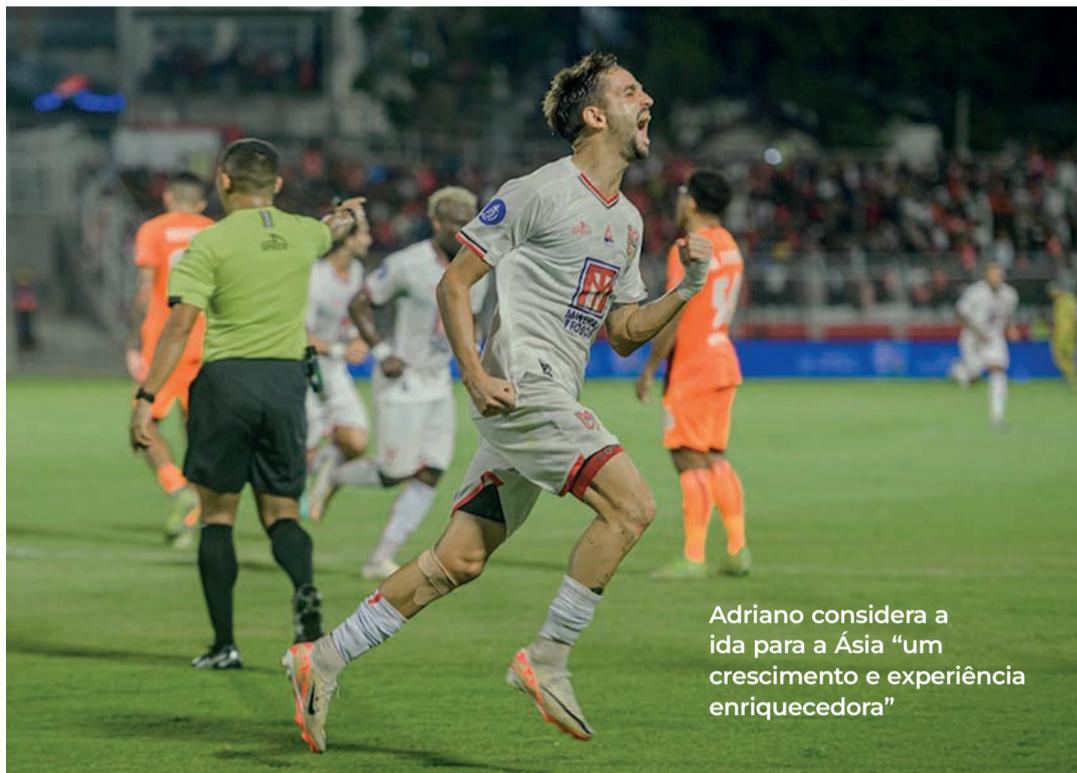
Acabou por ser o meu 1.º título enquanto jogador profissional. Apesar de ter subido de divisão no Chaves, e ter sido campeão nacional nas camadas jovens pelo Futebol Clube do Porto, ganhar uma taça a nível profissional e num país estrangeiro é sempre especial. Foi uma conquista bonita num grupo fantástico.

Os conhecimentos do curso de Sociologia na UBI já lhe foram úteis em alguma ocasião?

Posso dizer que sim, mas mais no sentido de conversar com determinadas pessoas sobre determinados assuntos ao longo da jornada, quer em Portugal, Arménia ou Indonésia.

Jogou dois anos na I Liga de Portugal. Foi uma história de sucesso ou sente que poderia ter ido mais longe?

Acredito que possa estar ligado um pouco aos dois momentos. Num primeiro, por todo o trajeto percorrido, ter estado na 3.ª liga, passado pela 2.ª liga e chegar à principal liga do futebol português é algo de que tenho imenso orgulho e é algo que levarei comigo para o resto da vida, ainda mais quando se vem do



Adriano considera a ida para a Ásia “um crescimento e experiência enriquecedora”



Apesar da diferença horária, o avançado vê os jogos do Covilhã sempre que pode e acompanha os resultados

interior do país, onde a visibilidade não é tão grande. Em relação ao sentir que podia ter ido mais longe, vou ser sincero e dizer que sim. Talvez na altura, se tivesse acreditado um pouco mais em mim e no meu potencial, e tivesse tido um pouco mais de sorte, talvez pudesse ter ido mais longe. Mas não me arrependo de nada e tenho imenso orgulho no meu trajeto enquanto jogador profissional. Espero que a minha história possa servir para futuros jogadores jovens da região trabalharem e acreditarem que é possível chegar ao topo.

A ida para campeonatos periféricos é um passo atrás?

Na minha opinião, não. O facto de poder conhecer outros países,

outros campeonatos, outras culturas, faz-nos crescer enquanto jogadores e enquanto pessoas, porque acabamos por sair da nossa zona de conforto. Por exemplo, na Indonésia o campeonato é bastante competitivo e tem imensos jogadores estrangeiros com qualidade a jogar na Ásia.

Fez formação e afirmou-se no Sporting da Covilhã. Continua a acompanhar o clube?

Sempre. Apesar da diferença horária entre Portugal e Indonésia, sempre que posso vejo os jogos e acompanho os resultados. Estou longe, mas fico sempre a torcer pelo sucesso do clube e que rapidamente possa voltar onde merece estar. Espero um dia poder voltar onde fui feliz e ajudar o clube a atingir grandes feitos. Tenho um carinho muito especial pelo clube que me viu crescer.

O futuro passa por onde? Ou por onde gostaria que passasse?

Em relação ao futuro, nunca se sabe o dia de amanhã, mas gosto muito de estar por aqui. Então, se for possível continuar a jogar mais uns anos por estes lados, ficarei. No entanto, o objetivo passa sempre por acabar a carreira em Portugal.

O que é que ainda vive em si da Erada?

Apesar de ter nascido na Suíça, a Erada será sempre o local onde passei a maior parte da minha infância. É a que tenho a minha família, as minhas origens, amigos de longa data, e o facto de estar longe custa sempre um pouco para todos. As saudades são sempre muitas.

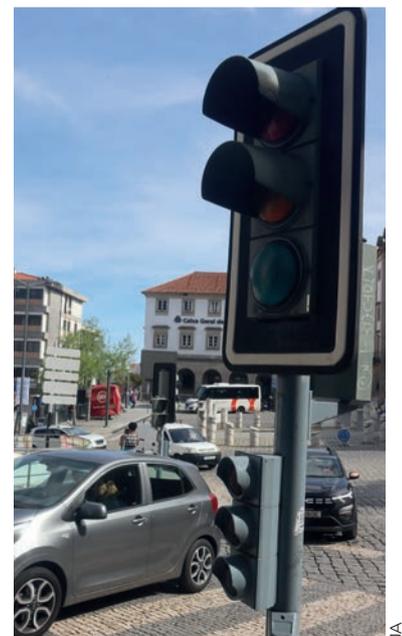
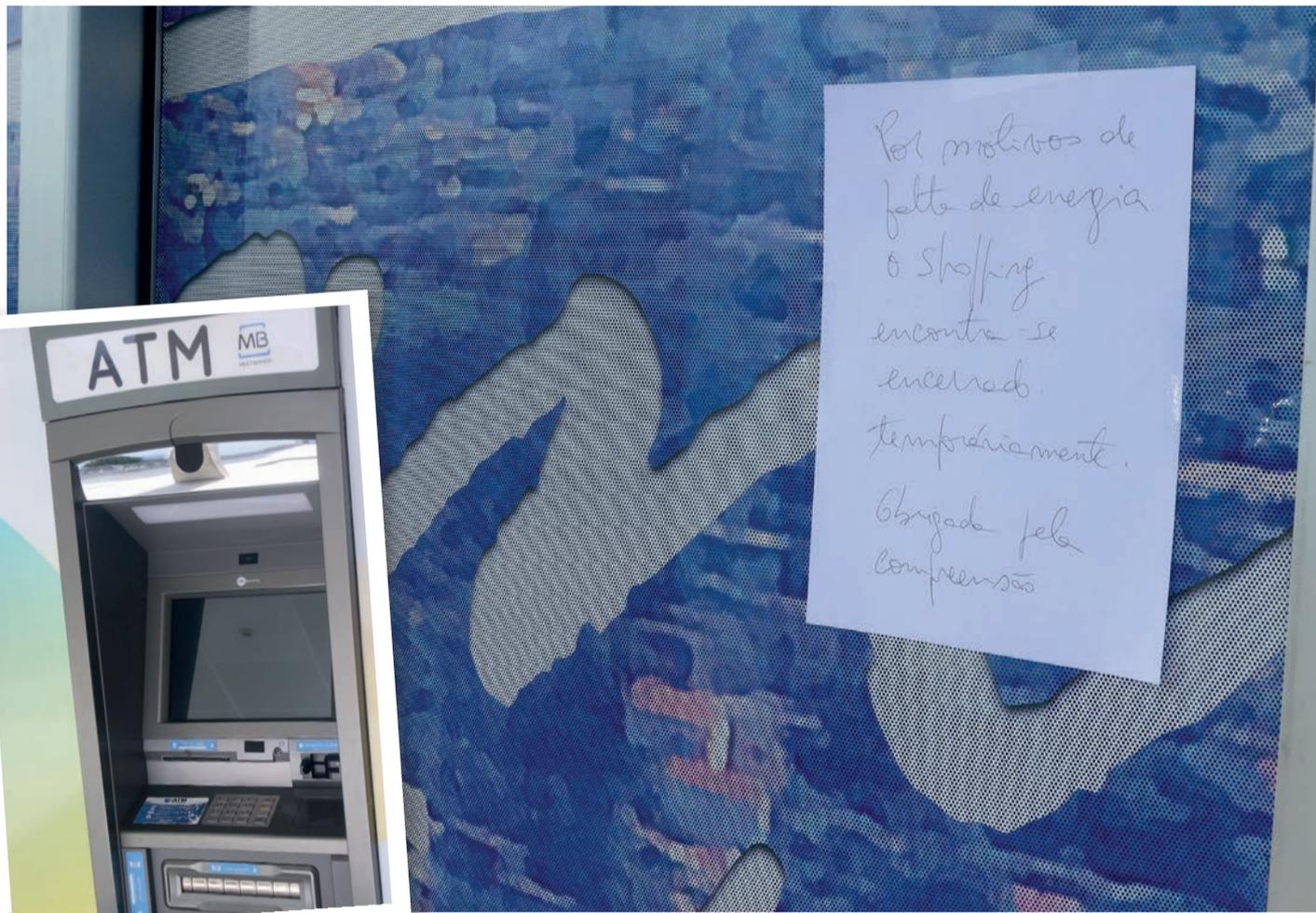
FOTORREPORTAGEM

FALHA DUROU QUASE 11 HORAS

APAGÃO CRIA CENÁRIO DA PANDEMIA

Foram quase onze horas sem luz na Covilhã. O apagão que se registou na segunda-feira, 28, na Península Ibérica e algumas zonas de França, por causas que ainda estão por apurar, criou diversos constrangimentos ao longo de todo o dia, com a cidade a viver um cenário muito parecida ao da pandemia. Com serviços fechados, logo após a hora de almoço; lojas e supermercados a fecharem por falta de energia; uma louca corrida aos postos de combustível, com muitos deles, às 17 horas, já encerrados; longas filas em supermercados, onde algumas prateleiras esvaziaram em pouco tempo, com grande procura por água e enlatados; semáforos sem funcionarem; multibancos inativos; e estabelecimentos onde a procura por velas e pilhas se acentuou. E onde se fizeram contas à mão. A Assembleia Municipal da Covilhã, que se realizava nesse dia, acabou por ser suspensa e adiada para a próxima segunda-feira. A eletricidade foi restabelecida pelas 22:15 na cidade e as luzes foram-se acendendo pelas restantes freguesias.

JOÃO ALVES



ANA RIBEIRO RODRIGUES

BELMONTE

DIA DO CONCELHO

FIXAR BRASILEIROS CONTINUARÁ A SER APOSTA

Dias Rocha acredita que estratégia ajuda a combater desertificação e volta a pedir criação de Consulado Honorário

JOÃO ALVES

Atrair mão-de-obra brasileira para o concelho, através de empresas ligadas às novas tecnologias, que depois faça de Belmonte a sua nova casa vai continuar a ser uma estratégia definida pela Câmara até, pelo menos, ao final do mandato do atual executivo. Foi isso que garantiu no último sábado, 26, Dia do Concelho de Belmonte, o presidente da autarquia, António Dias Rocha.

O autarca lembrou que têm chegado, nos últimos anos, muitos cidadãos deste país, descoberto por um belmontense, Pedro Álvares Cabral, e ao concelho também têm chegado alguns, em especial engenheiros ligados às novas tecnologias, com empresas com as quais a autarquia tem protocolos de colaboração que, entre outras vantagens, permitem aos brasileiros morarem em Belmonte com a autarquia a pagar parte das rendas. “É também uma oportunidade de combater a desertificação do Interior. Vamos criar condições para que façam deste concelho a sua nova casa” garante o autarca, lembrando o projeto Caravela Digital, que pretende a criação de um pólo tecnológico na futura área empresarial em Maçainhas, com a fixação de empresas brasileiras.

O facto de, quer no concelho, quer na região, haver cada vez mais brasileiros exige, segundo o autarca, que o “sonho” que há já muito tempo defende, de criação de um consulado honorário, se torne realidade. “Iria evitar as frequentes deslocações ao Porto e Lisboa para tratarem das suas coisas” disse Rocha, que classifica este processo de “longo e difícil”, mas que se mostra convicto de que se tornará real.

Presente em Belmonte, o Cônsul Geral do Brasil em Lisboa, Alessandro Candeas, elogiou Belmonte como o “melhor exemplo de colonização portuguesa”, uma “terra de tolerância, generosidade e diversidade”, disse que os brasileiros descobriram agora “Portugal para investir e trabalhar, contribuindo para o seu desenvolvimento”, e garantiu que, apesar do processo do consulado não ser da sua



“*Nos dias de hoje, de radicalismos e posições extremadas, Belmonte dá-nos lições de vida*”

jurisdição, em termos pessoais “podem contar com o meu apoio”.

António Dias Rocha, que está a cerca de cinco meses de deixar a presidência da Câmara, assegurou que continuará “a trabalhar até ao último dia” e enumerou uma série de obras às quais ainda quer dar andamento, como as dos centros de saúde de Belmonte e Caria, a requalificação da escola sede do Agrupamento, as 100 habitações a custos controlados, a habitação colaborativa em Caria, a nova área de acolhimento empresarial, as obras do Castelo, o Multiusos e o arranjo de estradas, entre outras. Além disso, mostrou-se otimista com o trabalho da nova associação de âmbito cultural que no sábado inaugurou uma incubadora de empresas, apresentou o projeto de reconversão do piso térreo do antigo mercado e que quer construir também um hotel na vila, junto ao rio Zêzere. “Esta parceria irá dar frutos” acredita o autarca.

A autarquia distinguiu uma instituição, a Comunidade Judaica, e oito

personalidades: José João Brum, juiz do Julgado de Paz de Belmonte, Ernesto Carvalho, cardiologista, Mário José Cabeças e Sérgio Gomes, campeões do mundo de clubes de pesca feeder em água doce, Adriana Mendes, jogadora de futsal, João Nuno Vicente, esquiador, e a título póstumo, o empresário José Manuel Casteleiro. Além destes, o mais famoso: o ator Joaquim de Almeida, cujo a avó era natural de Inguia. A estrela de Hollywood foi mesmo o único agraciado a falar. “A minha avó tinha muito orgulho em ter nascido em Belmonte. Hoje iria ter muito orgulho em me ver receber esta medalha” disse Joaquim de Almeida, que elogiou a autarquia por, contra a corrente que outros seguem, “apoiar as artes”.

Foi ainda assinado com as câmaras de Almeida e Carregal do Sal o protocolo da “Rota da Tolerância, Liberdade e Paz”, que visa colocar em evidência os feitos de Aristides de Sousa Mendes, que ajudou a salvar milhares de judeus durante o Holocausto. Segundo o

Ator Joaquim de Almeida lembrou que a avó, natural do concelho, adorava Belmonte e ficaria orgulhosa de o ver ser distinguido

responsável da autarquia de Carregal do Sal, um ato com significado quando “o mundo anda todo às avessas”.

O caráter tolerante de Belmonte foi também elogiado por Luís Campos Ferreira, líder da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), que Belmonte integra, tal como a Covilhã. “Belmonte é um bom exemplo de várias coisas. É fácil criar logo paixão. É exemplo de uma interioridade que tem forças vivas para mudar a vida económica, social e cultural da comunidade. É exemplo de pluralidade, de multiculturalidade, de tolerância, e de convivência de pessoas diferentes. Nos dias de hoje, de radicalismos e posições extremadas, Belmonte dá-nos lições de vida” disse o responsável.

Uma cerimónia em que foram ainda distinguidos funcionários da autarquia com 20, 25, 30 e 35 anos de “casa” e os melhores alunos do sexto, nono e 12º ano do Agrupamento de Escolas. No nono, os dois alunos contemplados com uma viagem ao Brasil foram José Miguel Elvas e Letícia Teles.

MANTEIGAS

PASSA A VEREADOR INDEPENDENTE

NUNO SOARES DEIXA PSD E É O CANDIDATO DO PS À CÂMARA

Vereador “laranja” passa a independente. E garante que mudança não é assim “tão radical”

JOÃO ALVES

Nuno Soares, que durante os últimos três anos e meio desempenhou o cargo de vereador eleito pelo PSD no executivo de Manteigas, vai ser, nas próximas autárquicas, o candidato do PS à Câmara.

Depois de, no início da passada semana a concelhia socialista de Manteigas ter anunciado o nome do vereador como a escolha para disputar a liderança da Câmara, na passada quarta-feira, 23, na sessão do executivo, Nuno Soares, 50 anos, anunciou que a partir desta data passava a ser vereador independente. “Depois de me ter desfilado do PSD, perguntei aos órgãos se deveria suspender ou renunciar ao mandato de vereador. Não obtive resposta a esta solicitação. A partir desta data passo a ser vereador independente, o futuro dirá se até final do mandato ou não” disse Nuno Soares.

Segundo a concelhia do PS, que aprovou a escolha de Nuno Soares por unanimidade, este é a pessoa mais preparada para este desafio, face à

experiência adquirida, com um trabalho autárquico “amplamente elogiado”. O partido quer apresentar-se ao eleitorado como “alternativa credível” ao executivo liderado por Flávio Massano, que se irá recandidatar ao cargo.

O candidato já disse à Lusa que encara a mudança com a mesma naturalidade com a qual “o atual presidente da Câmara, Flávio Massano, foi deputado do PSD na Assembleia Municipal, foi filiado na JS e hoje está num movimento independente”. Soares acrescenta que, “toda a gente sabe” que o seu número dois, o vice-presidente Sérgio Marcelo, “é socialista”, que a chefe de gabinete foi filiada no PSD e que o cabeça de lista do movimento independente à Assembleia Municipal, Albino Cardoso, foi filiado e deputado municipal do PS e candidato pela CDU. Soares também recorda



O PSD traiu os interesses da região”

que aquele que é apontado como candidato do PSD à Câmara, Nuno Gonçalves, iniciou a carreira política como candidato do PS à Junta de Vale de Amoreira e depois pelo PSD, “e ganhou”. O vereador salienta ainda que nas eleições autárquicas, mais importante que a cor partidária é “aquilo que as pessoas estão interessadas e disponíveis a fazer pela sua terra”. Nuno Soares, que esteve filiado no PSD cerca de 30 anos, salienta ainda que os dois partidos são atualmente “muito parecidos” em termos de ideais, pelo que a troca “não é assim tão radical que cause estranheza a toda a gente”.

Não renegando o passado, Nuno Soares, antigo conselheiro nacional e dirigente distrital e concelhio do PSD, assegura que não voltaria a ser candidato social-democrata por causa de “algumas pessoas e atitudes” da Comissão Política Distrital da Guarda. “O PSD traiu os interesses da região quando votou contra a abolição das portagens na A23 e A25. E, após as últimas legislativas, as reuniões da Distrital não eram para falar de projetos políticos e do que o Governo poderia fazer pelo distrito, mas para discutir lugares e tachos”.

O candidato do PS, que aponta à vitória, diz ainda que muitos dos projetos com que se apresentou há quatro anos não diferem muito dos que o PS



Nuno Soares confirma passagem a independente, mas diz que apenas o futuro dirá se cumpre o mandato de vereador até ao final

apresentou. “Não há divergência de fundo, o que facilitou a aproximação e chegar a este entendimento” afirma. Recuperar infraestruturas municipais degradadas pela passagem dos anos, disponibilizar habitação para dar resposta à procura provocada pelos trabalhadores do setor da hotelaria e atrair investimento são as “principais carências” do concelho, aponta.

Nas últimas autárquicas, Flávio Massano ganhou com 34,1% dos votos e conseguiu dois mandatos no executivo, tendo governando com maioria relativa. O PS, cujo histórico dirigente Esmeraldo Carvalhinho se recandidatava à presidência (mas não assumiu o cargo de vereador), ficou-se pelos 28,1% e também elegeu dois vereadores. Já Nuno Soares (PSD) contabilizou 26,7%. Por sua vez, Célia Morais (“Nós, Cidadãos!”) registou 6,7 e António Santos (CDU) ficou com 1,4% dos votos.



Praça central vai ser totalmente requalificada

PRAÇA CENTRAL

PROJETO APROVADO

■ O executivo da Câmara de Manteigas aprovou por unanimidade, na passada quarta-feira, 23, o projeto de arquitetura da futura praça central da vila, que inclui a requalificação de todo aquele espaço da vila, criação de estacionamento, passeios e zona de lazer. O projeto foi apresentado pelo arquiteto responsável, Tiago Antero.

Flávio Massano afirma que este é um passo que o deixa satisfeito pois

“é o desfecho de muitas horas de trabalho”. A autarquia irá lançar o concurso da obra em breve, assegurou o autarca, prevendo que após a adjudicação a obra se estenda por cerca de 15 meses. Nuno Soares, vereador agora independente, alertou para os constrangimentos que resultem do período de obra, sublinhando que será necessário um plano para fazer face a essa situação, para não prejudicar

todo o comércio da zona central da vila, mas Flávio Massano recordou que “nada se consegue sem algum sacrifício”, e que, no futuro, os manteigueses terão uma praça muito melhor. A requalificação, inicialmente, estava estimada em cerca de 1,4 milhões de euros, mas o concurso será lançado por um valor próximo dos 3,4 milhões, face às alterações que foram feitas, detalhou Flávio Massano.

FUNDÃO

MISERICÓRDIA

UNIDADE DE CUIDADOS CONTINUADOS AMPLIADA

Instituição garantiu financiamento para 30 camas destinadas à resposta de média duração e reabilitação

A Santa Casa da Misericórdia do Fundão anunciou que vai ampliar a Unidade de Cuidados Continuados e que viu aprovada uma candidatura que contempla mais 30 camas destinadas à resposta de média duração e reabilitação.

A instituição do Fundão adiantou, em comunicado, que nos últimos meses foram aprovadas cinco candidaturas, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência, para o alargamento da oferta da Unidade de Cuidados Continuados.

O reforço do número de camas implica a construção de um novo edifício, já com o projeto concluído e a aguardar o lançamento do concurso público para a empreitada, previsto para maio.

As novas instalações representam um investimento superior a seis milhões de euros, acrescentou a Misericórdia do Fundão, na mesma nota.



ANA RIBEIRO RODRIGUES

O contrato de financiamento para as 30 camas destinadas à resposta de média duração e reabilitação foi assinado na última quinta-feira, entre a Santa Casa da Misericórdia do Fundão, o Ministério da Coesão e a secretaria de Estado da Gestão da saúde.

No total, a ampliação da Unidade

de Cuidados Continuados contempla um total de 80 novas camas: 30 para convalescença, 30 para média duração e reabilitação, 10 para pacientes de longa duração e manutenção e 10 orientadas para paliativos moderados.

Entre as cinco candidaturas que a instituição viu aprovadas incluem-se

Reforço do número de camas implica a construção de um novo edifício

Provedor alerta para necessidade de formação profissional na área de prestação de cuidados

70 vagas na Unidade de Dia e Promoção da Autonomia.

“Com a concretização destes projetos, a Misericórdia oferecerá a toda a região da Cova da Beira uma resposta de saúde de retaguarda que não tinha, criando, assim, resposta hospitalar mais célere para os cidadãos deste território”, sublinhou o provedor, Jorge Gaspar.

O provedor da Santa Casa do Fundão acrescentou que a ampliação da Unidade de Cuidados Continuados vai criar 50 novos postos de trabalho.

Jorge Gaspar alertou que esta é “uma oportunidade de se direcionar a formação profissional para a área da prestação de cuidados”.

SÉRGIO MENDES

VEREADOR DO PS RENUNCIA AO MANDATO E INTEGRA CANDIDATURA INDEPENDENTE

■ O vereador socialista na Câmara do Fundão Sérgio Mendes anunciou que vai renunciar ao mandato na bancada da oposição, desfiliar-se do partido em que milita desde os 18 anos e integrar uma candidatura independente nas próximas eleições autárquicas.

Sérgio Mendes, de 43 anos, informou que as duas decisões têm efeitos a partir de 1 de maio.

“Fui desafiado a abraçar um novo projeto, não me revejo no projeto autárquico apresentado pelo PS nas próximas eleições e, uma vez que o lugar no executivo é um lugar sem pelouros, não tinha razão de ser continuar no executivo”, justificou Sérgio Mendes.

O autarca salientou que não pode estar dentro de um projeto, ao mesmo

tempo com o pé noutro e acrescentou que a candidatura para a qual foi convidado é mais sólida do que a do PS.

“O projeto que fui convidado a abraçar é, na minha perspetiva, um projeto muito mais sólido e garante a continuidade de algumas políticas que têm vindo a ser seguidas, com a correção de outras áreas”, argumentou Sérgio Mendes.

Sobre a desfiliação do PS, o vereador explicou que tem que ver com pessoas, estruturas, o contexto e afirmou que continua a ver-se como socialista.

“Para mim, o que me interessa tem que ver com os princípios, com a forma de estar e com a ideia que nós defendemos para a região, para o país e para o mundo. E esses princípios eu

mantenho. Do ponto de vista ideológico, eu vou continuar a assumir-me como socialista”, referiu.

Este mês, um movimento de cidadãos eleitores, Comunidade Com Força, a que Pedro Neto, vereador da maioria PSD deu rosto, anunciou que se apresentará a sufrágio nas próximas eleições autárquicas e, embora o nome não tenha sido confirmado, tudo indica que será encabeçado pela vereadora Alcina Cerdeira, também eleita nas listas sociais-democratas.

No Fundão o PS anunciou o apoio à candidatura do independente Rui Peleção e o PSD terá como candidato o atual vice-presidente da autarquia, Miguel Gavinhos.

Ana Ribeiro Rodrigues



ANA RIBEIRO RODRIGUES

Autarca diz que candidatura independente para que foi convidado é “projeto muito mais sólido” do que o do PS

O QUE VEM À REDE

“(O 25 de Abril) é um facto incontroverso, que merece uma invocação incontroversa, um agradecimento incontroverso e uma evocação, celebração incontroversa”

MARCELO REBELO DE SOUSA,
Presidente da República na Associação 25 de Abril



FACEBOOK

“As Forças Armadas tomaram o poder”

MANCHETE DO JORNAL REPÚBLICA,
em 25 de Abril de 1974



IMAGEM SUL INFORMAÇÃO

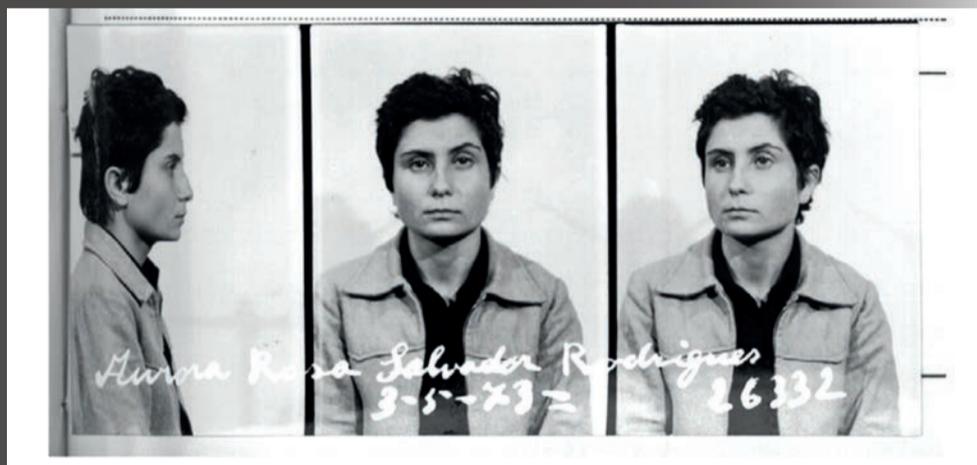
“E se Abril ficar distante / Desta terra e deste povo / A nossa força é bastante / P’ra fazer um Abril de novo.

EXCERTO DE POEMA DE JOSÉ CARLOS ARY DOS SANTOS (1936-1984)



IMAGEM ESCRITAS

MUSEU DO ALJUBE



“Sobretudo era a tortura do sono. Impedir de dormir, consecutivamente, dia e noite. O tempo todo. Tinha só um banco sem costas, nunca tive uma cadeira”

AURORA RODRIGUES, a mulher que mais foi torturada pela PIDE, in SIC - Notícias em Abril de 2024

“Acho absolutamente inadmissível que numa democracia o Ministério Público em Portugal se comporte como se comporta”

PACHECO PEREIRA,
Comentador in O Princípio da Incerteza / CNN



O PRINCÍPIO

VOZES DO POVO AQUI CHEGAM AO SEU

TRABALHADORES RECLAMAM SUBSÍDIO DE ALIMENTAÇÃO ACIMA DE 2,65 EUROS

“É uma tristeza esses patrões de meia tigela. Eles comem com esse dinheiro? É muito vergonhoso o que fazem aos trabalhadores, que lhe dão a vida boa que têm”.
→ Rosa Malaca

“Nem para um pequeno-almoço dá, é por isso que os imigrantes fazem falta, para receber o que lhes dão sem reclamar”.
→ António Canas

“Como é que um grupo como o Paulo Oliveira tem a indecência de pagar, em 2025, estes valores aos trabalhadores? A quem produz. A quem os enriquece”.
→ Anabela Carvalho

“Onde se come por esse valor?”
→ Elisabete Seco

“Simplesmente vergonhoso. Infelizmente existem este tipo de mentalidades em empresários que dizem ser grandes... tristeza...”
→ João Silva

“Venham para a rua, lutem sem medo, como outras gerações o fizeram após o 25 de Abril. O trabalhador não consegue nada sem lutar”.
→ Júlio Seco

“Com o dinheiro que não pagam a cada funcionário dá para fazer as suas refeições diárias à grande e à francesa!”
→ Francisco Batista

nc Notícias da Covilhã
Publicado
17 h

A trabalhar há 14 anos na fábrica Paulo de Oliveira, na Boidobra, Telmo Ribeiro, 36 anos, recebia 2,5 euros de subsídio de alimentação. Os trabalhadores reivindicavam u... Ver mais



Trabalhadores reclamam subsídio de alimentação acima de 2,65 euros



Acompanhe-nos on-line:
noticiasdacovilha.pt

O QUE VEM À REDE

FRANCISCO, NOME DE PAZ

*“No bairro do amor
o sol parece maior
E há ondas de ternura
em cada olhar”*

VERSOS DE JORGE PALMA
E DO SEU BAIRRO DO AMOR



WIKIPÉDIA

FRANCISCO FIGUEIREDO

O mesmo amor com que Francisco iluminou o mundo, fazendo das nossas ruas, caminhos de ternura. O amor que colheu em Flores onde Francisco nasceu e viveu em criança. O mesmo amor que dessa infância em Buenos Aires trouxe no peito toda a sua vida. Jorge Mário Bergoglio foi o primeiro latino-americano a tornar-se Papa, e sem dúvida o mais popular de todos os líderes da Igreja Católica. Ninguém, mesmo o mais reticente à fé, terá ficado indiferente ao homem simples que vindo do “fim do mundo”, transformou a forma como passamos a olhar para o Vaticano. Como “Papa do Povo”, Francisco tornou-se um ícone da cultura popular. Ele sim, o verdadeiro “influencer” dos nossos dias. Construindo uma marca assente em duas

premissas fundamentais. O lado simples, despojado com que se apresentou sempre, e o talento comunicativo. Não deixando de ser duro e assertivo quando insistiu no respeito que foi reclamando para as mulheres, por exemplo, e quando amiúde atacava os egos, criticava a forma como os políticos se esqueciam dos seus povos, e chamava cobardes aos grandes líderes que não tiveram coragem de fazer a paz. Francisco foi o Papa que abriu as portas da igreja a todos. Todos mesmo. Fazendo auto-crítica permanente ao modo como o movimento católico tem ignorado os pobres, os gays, as mulheres. Francisco acolheu marginais, deu atenção a vulneráveis, e cultivou amizades com pessoas ligadas aos movimentos LGBT. O direito

à diferença estava na génese da sua conduta, e Francisco tudo tentou para que o seu abraço se estendesse a todos, tendo sempre uma palavra para a defesa dos migrantes, tantas vezes atacados por estados intolerantes e ignorantes. O bispo de Roma trouxe renovação, e é um processo de continuidade que católicos em todo o mundo esperam assistir com a nomeação de um novo líder. Não deixando para trás o combate à pobreza global, a preocupação global face às alterações do clima, e sobretudo a condenação da guerra e incentivo à paz no mundo.

Não será fácil igualar Francisco, mas certamente pegar nas suas deixas, e continuar o caminho.

O NOVO PAPA

Segue-se o Conclave. Do latim “cum clave”. No fundo uma reunião à porta fechada. Bem fechada por sinal. Na verdade, para que os cardeais lá fechados não pensem em mais nada, e decidam rapidamente sobre a identidade do sucessor de Francisco. O mais longo conclave da história da Igreja durou quase três anos, quando iniciado em 1270 elegeu Gregório X.

Imagine-se. Hoje o processo de eleição é muito mais célere, até porque a partir do momento em que o Colégio dos Cardeais os convoca para Roma, e

os 138 eleitores – cardeais com mais de 80 anos – entram na Capela Sistina para decidirem, o processo é completamente vedado a qualquer influência exterior. O voto é secreto, os cardeais



VATICANO NEWS

escrevem o nome do seu escolhido num papel, e após a votação os boletins de voto são queimados num fogão. É necessária uma maioria de dois terços para eleger o novo Papa, e enquanto isso não acontecer, a queima a que se junta um aditivo propaga um fumo negro que sairá da chaminé que pode ser vista da Praça de São Pedro, onde, como é hábito, se juntam milhares de fiéis e de seguidores. Se os votos a favor de um candidato atingirem dois terços dos votantes, a eleição é considerada válida. O eleito será convidado a declarar o nome por que deve ser conhecido durante o seu pontificado, veste pela primeira vez a batina papal, e o fumo sairá branco. “Habemus papam”.

DESPORTO

COVILHÃ PERDE
EM OLIVEIRA
DO HOSPITAL

É ATÉ À
ÚLTIMA

Em caso de vitória, frente ao Caldas, o Covilhã está safo. Caso não ganhe, há muita conta a fazer na última ronda

JOÃO ALVES

Ponto assente: se no próximo domingo, 4, o Sporting da Covilhã vencer, no Santos Pinto, o Caldas (que já está tranquilo), mantém-se na Liga 3. Nesse cenário, não há contas nem calculadora que sejam necessárias. Agora, se o resultado não for esse, já há cenários a equacionar. Se sofrer uma derrota, a descida é garantida.

Tudo isto porque o Covilhã aborda a última jornada com 13 pontos, mais um que o Oliveira do Hospital (12) e três que o Lusitânia (10). Porém, as duas equipas, últimas classificadas, jogam entre si nos Açores na última ronda. E não podem perder as duas. Logo, se o Covilhã empatar com o Caldas, fará 14 pontos e rezará para que o Lusitânia ganhe, pois ficaria com 13 pontos e o Oliveira do Hospital com 12. Mas uma vitória destes, deixá-los-ia com 15 pontos, e por isso, a salvo da descida. Já em caso de derrota covilhanense, os serranos mantinham 13 pontos e, por isso, estariam despromovidos. Porque uma vitória, fosse de Oliveira do Hospital



1-0

Diogo Ramalho, longe do fulgor do início da temporada, acabou por ser substituído na segunda parte

ou do Lusitânia, deixava qualquer uma das equipas em vantagem sobre os leões da serra. Um empate pode ser suficiente desde que, nos Açores, se registre o mesmo resultado entre os dois últimos.

Para se chegar aqui, dizer que o Covilhã desperdiçou nas duas últimas jornadas a hipótese de já estar a salvo. Se, em casa com o Lusitânia já se sabia, à partida, que uma vitória dava manutenção, na passada sexta-feira, 25, dia da Liberdade, os covilhanenses iam sabendo que o Lusitânia perdia com a União de Santarém e que, face a isso, até um empate frente ao Oliveira do Hospital chegava para não ter que deixar as contas da permanência até à última jornada.

Porém, nesta 9ª jornada da série 2 da Liga 3, apesar do Covilhã dominar a primeira meia-hora de jogo, as oportunidades de golo foram nulas. Só a partir da meia-hora houve lances dignos de registo. Michel, ex-Covilhã, foi o primeiro a “animar”, com um remate defendido pelo titular Rafa Oliveira (João Gonçalo foi relegado para o banco após erro grosseiro frente ao Lusitânia). Fuller (uma das novidades no onze) respondeu para os leões da serra, com um remate a rasar o poste da baliza contrária. Aos 36 minutos, a ocasião mais flagrante, e para a equipa da casa, com Geovanny Almeida a cabecear ao poste da baliza covilhanense. E já em tempo de descontos (45+2), o golo que fez a diferença. Contra-ataque rápido da equipa da casa, com Diogo Brás a solicitar a finalização, com sucesso, de Guilherme Neiva.

Na segunda parte, o Covilhã veio

mais acutilante, mas continuou a ter poucas ou nenhuma ideias. Nem com as mexidas que Leandro Grimi foi operando as coisas melhoraram, perante uma equipa da casa que sabia que o empate ditava a sua descida. E por isso, geria o jogo de forma lenta, com muitas paragens. Os leões da serra, contudo, aos 78 minutos, ficaram a queixar-se de uma alegada grande penalidade sobre Paulinho que o árbitro da partida, Álvaro Santos, não atendeu, e que deu origem a protestos no final que levariam à expulsão de homens do banco serrano. A melhor oportunidade da segunda metade acabou mesmo por pertencer aos locais, quando Guilherme Neiva disparou de fora da área, mas Rafa Oliveira defendeu com segurança.

No próximo domingo, 4, às 15 horas, o Covilhã decide o seu futuro: ou Liga 3 ou Campeonato de Portugal.

Vitória frente ao Caldas garante manutenção

PUBLICIDADE

foto
académica
Filipe Pinto

REPORTAGENS FOTOGRÁFICAS
TUDO PARA COMUNHÃO E BAPTIZADOS | ARTIGOS
RELIGIOSOS | PARAMENTARIA | ARTIGOS NUMISMÁTICA

Escadas do Quebra Costas n.º 2, 6200-170 Covilhã
E-MAIL: fotoacademica@hotmail.com | TEL.: 919 487 978 | 964 196 950

DESPORTO

DISTRITAL

MORADAL VAI À TAÇA DE PORTUGAL

Equipa do Pinhal ganha ao Pedrógão e segura segundo lugar

JOÃO ALVES

Quando falta uma jornada para o distrital de Castelo Branco terminar, está tudo definido no que toca aos lugares de cima da tabela. O campeão, Sernache, há muito estava encontrado, faltando definir quem seria segundo e, com isso, ganharia direito a entrar na primeira

eliminatória da Taça de Portugal da próxima temporada. Um objetivo atingido pelo Águias de Moradal, que no domingo, fruto da vitória caseira

No domingo, Fundão e Sernache disputam final da Taça de Honra

por 1-0 (golo de Fernandinho) sobre o Pedrógão, segurou o segundo lugar na tabela. Já os raianos não saíram do quarto lugar, uma vez que folgaram na última jornada, que se disputa esta quinta-feira, 1 de maio, Dia do Trabalhador.

Na penúltima ronda, o Sernache voltou a golear, numa “final” que se irá repetir no próximo domingo. A equipa do Vitória veio ao Fundão vencer o Clube Académico por 1-5, e no fim-de-semana, volta a jogar com os fundanenses, em Castelo Branco, na final da Taça de Honra. Os académicos até começaram a vencer, com um golo de penálti, de Siqueira, mas o Sernache, com três golos do veterano Williams Júnior, um de Piguave e outro de Rivaldo, deu a volta. De referir que o Académico do Fundão, por via se ser finalista frente ao já campeão Sernache, também terá lugar na Taça de Portugal da próxima temporada. Um jogo que foi especial para o capitão da equipa fundanense, Rui Proença, que após 18 temporadas no clube pendurou as chuteiras.

Esta quinta-feira, na última jornada, a Atalaia recebe o Fundão e o Sernache recebe o Moradal. Domingo, a época, a nível distrital termina, com a final da Taça de Honra José Farromba.



Capitão do CAF, Rui Proença, pendura as chuteiras

CAF

INICIADOS

ADE MANTÉM-SE NO NACIONAL

■ A equipa de iniciados da Associação Desportiva da Estação (ADE) assegurou no passado fim-de-semana, com uma vitória, em casa, frente ao CADE do Entroncamento, por 1-0, a manutenção no nacional da segunda divisão.

Quando ainda faltam três jornadas para o fim da prova, os jovens da Estação ocupam o segundo lugar, com 26 pontos, mais 11 que a primeira equipa a descer. Um feito quase inédito, nos últimos anos, em equipas do distrito, depois da ADE ter feito uma primeira fase muito boa, em que por muito pouco não segurou logo a



ANTONIO SALVADO

ADE diz que esta “conquista” reforça o seu projeto de formação

manutenção, e uma segunda fase de grande competência. Assim, na próxima temporada, o distrito contará com duas equipas neste escalão, em termos nacionais, por via da subida do campeão distrital. “Esta conquista reforça o projeto de formação da Associação Desportiva da Estação, que continua a apostar no desenvolvimento desportivo e pessoal dos seus jovens atletas. O futuro é promissor e esta manutenção é apenas mais um passo no caminho de crescimento que a ADE tem vindo a construir” salienta o clube covilhanense.

BREVES

FUNDÃO PERMITE REVIRAVOLTA

■ A Desportiva do Fundão perdeu, sábado, por 3-2, em jogo da 20ª jornada do nacional da primeira divisão de futsal, em Ferreira do Zêzere. Os fundanenses estiveram a ganhar 0-2, mas permitiram reviravolta da equipa da casa. No entanto, caso o Caxinas perdesse com o Braga ficavam já apurados para o play-off.

DISTRITAL DE FUTSAL DECIDE-SE

■ Decide-se no próximo fim-de-semana o título distrital de futsal.

A Casa do Benfica de Oleiros tem duas vitórias, mas no passado sábado não conseguiu vencer o terceiro jogo, com o Ladoeiro a levar a melhor (3-0). Sábado, um triunfo oleirense, dá título. Caso ganhem os raianos, o quinto e decisivo jogo (a negra) joga-se domingo.

CASA DO BENFICA NA COVILHÃ SEM LISTAS

■ Não surgiram listas candidatas à direção da Casa do Benfica da Covilhã, dentro do prazo estipulado, pelo que, no próximo dia 9, às 20 e 45, a assembleia geral eleitoral que estava marcada se mantém para que “possa ser decidido e definido qual o futuro da nossa Casa”, salienta o presidente da mesa, José Horta.

GUIA

AGENDA CULTURAL

DANÇA NO FUNDÃO

■ A Câmara do Fundão assinala sábado o Dia Mundial da Dança, no Pavilhão Multiusos, com uma iniciativa que junta diferentes intérpretes, desde ranchos, a danças africanas, latinas, ballet, entre outras.
→ **sábado, 3, 16 horas, Multiusos**

ZÉ IBARRA

■ O compositor, multi-instrumentista e cantor brasileiro, Zé Ibarra, que tem feito carreira a solo, com sucesso, no Brasil e Portugal, vem à Guarda mostrar o seu trabalho. Já foi premiado, com o grupo Bala Desejo, com um Grammy latino.
→ **sábado, 3, 21:30, TMG**



DR

A NÃO PERDER

JP SIMÕES CANTA JOSÉ MÁRIO BRANCO

03
MAIO

21:30 H
TMC



TIAGO FEZAS VITAL

■ O palco do Teatro Municipal acolhe o espetáculo “JP Simões canta José Mário Branco”, no próximo sábado, com o músico a recriar o disco de homenagem a José Mário Branco, uma das personalidades que mais marcaram a música portuguesa desde a década de 1960, como cantor, autor, compositor, arranjador e produtor musical, e que nos deixou em 2019. Contando com a preciosa contribuição de Nuno Ferreira (guitarra e voz), Pedro Pinto (contrabaixo), Ruca Rebordão (percussão) e Márcio Pinto (marimba e eletrónica), o disco foi editado pela editora Omnichord Records no dia 23 de fevereiro de 2024, ano em que

se comemoraram os 50 anos do 25 de Abril de 1974.

Segundo JP Simões, à medida que foi cantado José Mário Branco foi acreditando cada vez mais no que cantava. “E o mais intrigante para mim é lançar um disco onde pela primeira vez sou exclusivamente intérprete das canções de outra pessoa e sentir que é talvez o disco mais íntimo que alguma vez produzi” frisa o músico. Cantor, compositor, letrista, contista e dramaturgo, JP Simões edita álbuns desde 1995, com Pop Dell’Arte, Belle Chase Hotel, Quinteto Tati e a solo ou em colaboração com outros compositores.

TEATRO

“ROTTWEILER VS CHIHUAHUA”

■ O Teatro do Noroeste apresenta no próximo dia 7, à noite, no auditório Fernando Landeira, a peça Rottweiler Vs Chihuahua”, de Guillermo Heras, com encenação de Elisabete Pinto. Um espetáculo inserido na iniciativa “4as de teatro” que o Teatro das Beiras promove. Uma peça sobre a violência, o ódio, a desinformação, e os limites dos mesmos. “Afim, o que é a violência? A pergunta de “Rottweiler” está de volta, agora com intenções democráticas. Mas não serão apenas os mesmos cães com outras coleiras?” pergunta a sinopse da obra. Os ingressos custam sete euros, com diversos descontos a aplicar em determinados públicos.
→ **7 de maio, 21:30, Teatro das Beiras**



DR

MÚSICA

GOUVEIA ART ROCK

■ É a 18ª edição de um dos festivais de rock mais antigos do País. Decorre entre quinta-feira e domingo mais um Gouveia Art Rock, em vários espaços daquela localidade (Paços do Concelho, igreja, teatro-cine ou biblioteca), um festival de música progressiva, à escala mundial, que conta com nomes como Richard Thompson (Inglaterra), Siril Malmedal Hauge & Kjetil Mulelid (Noruega), Motyk (Bélgica), Poil + Ueda (França, Japão), Courtney Swain

(EUA), Oiapok (França), Wobler (Noruega), Rita Maria + Filipe Raposo (Portugal), Rolf Van Meurs (Países Baixos), Zopp (Inglaterra), Fil’Mus2 (Portugal), Blank Manuskript (Áustria), Pete Roth Trio feat. Bill Bruford (Inglaterra, Alemanha), Monika Roscher Bigband (Alemanha), Mad Fellaz (Itália) e Big Big Train (Inglaterra). O único festival português estritamente dedicado às várias linguagens do denominado rock progressivo.



1a4
MAIO

GOUVEIA

CMC

OS PORTUGUESES E O MUNDO



Apollo é o robot que a Mercedes usa na sua linha de montagem

APOLLO E ATLAS

ROBOTS HUMANÓIDES

Da próxima vez que o cidadão amante da marca Mercedes-Benz adquirir o novo modelo, prepare-se porque a viatura não terá sido montada por gente como nós. As linhas de montagem das fábricas de automóveis passarão a ser ocupadas por humanóides. Isso mesmo, robots que se assemelham a seres humanos, e que são criados precisamente para desempenhar as tarefas projectadas para esses. Têm geralmente a forma e o tamanho do seu criador, caminham como ele, e até interagem com ele. Diz a marca alemã que se trata de mais um passo em direcção ao futuro.

Os novos trabalhadores da fábrica instalada em Berlim foram baptizados de Apollo, têm uma estrela de três pontas, na parte do mecanismo a que no corpo humano chamamos de peito, e estão a ser utilizados para tarefas como o transporte de componentes e algumas verificações de qualidade. Segundo a Mercedes-Benz, não se trata de abdicar totalmente dos seus operários, antes poupá-los às actividades monótonas e repetitivas, e graças à Inteligência Artificial, libertá-los para tarefas mais criativas e inovadoras. Sem dúvida uma evolução para o sector. Nos Estados

Unidos, a Boston Dynamics, empresa que tem estado na vanguarda destes desenvolvimentos, como por exemplo a criação do cão-robot Spot, também já apresentou o seu humanóide para as linhas de montagem de automóveis. Chama-se Atlas, e tal como o concorrente alemão, é colocado num sector da operação, para identificar, catalogar e arrumar peças de motores. É assim que estes seres, compostos de sensores, câmaras, e combinações com algoritmos de IA, tomam o lugar de trabalhadores com inteligência humana.

Francisco Figueiredo

TERRA

O QUE FAZER COM ELA?

■ A Terra como mãe. E se quem tem mãe tem tudo, o mesmo se passa com a Terra. A intocável Terra, que não nos cansamos de maltratar, embora façamos juras de a preservar. A ela Terra, e o que ela nos dá, os seus recursos naturais. A cada ano que passa, justifica-se a premência da preocupação com a saúde do planeta terrestre, porquanto as maleitas parecem aumentar. Não é à toa que 2024 foi considerado o ano mais quente da história, facto devidamente focado pelo secretário-geral da ONU, ao referir-se na mensagem de promoção do Dia da Terra, ao debilitado estado de saúde do nosso habitat: “A Mãe Terra está com febre”, notou António Guterres, e os sintomas são bem evidentes. Tragédias humanas associadas às mudanças climáticas, como incêndios devastadores, inundações arrasadoras, e imensas perdas de vidas humanas e do mundo animal. Não ignorando os conflitos armados que um pouco por todo o mundo ameaçam as nossas espécies. O Dia da Terra, assinalado a 23 de Maio, mais do que um momento reflexão, deve ser entendido como um passo para tomarmos decisões, pessoais e colectivas sobre a melhor forma de conferir sustentabilidade ao planeta. Temos de acelerar a transição energética. Energia verde para um mundo cada vez mais eléctrico, e menos dependente dos combustíveis fósseis. O caminho que tomamos é da nossa responsabilidade, e cada metro que galguemos sem emissão de gases, torna a nossa viagem mais limpa e segura.

Francisco Figueiredo



“A Mãe Terra está com febre” alerta António Guterres

A PALA DE SIZA

PAVILHÃO DE PORTUGAL



Pala desenhada por Siza foi requalificada, após anos de degradação

VISIT PORTUGAL

■ A pala desenhada por Álvaro Siza e prolongamento do edifício do Pavilhão de Portugal construído para a Expo-98, é uma peça icónica, um marco da arquitectura portuguesa, considerada uma das mais importantes peças mundiais em betão. Em 2010, o conjunto edificado foi considerado Monumento de Interesse Público, mas a sua quase inexistente utilização e óbvia manutenção, levou a um preocupante processo de degradação. À vista dos milhares de visitantes de um dos mais bonitos passeios da capital. Durante vinte

anos o espaço raramente foi utilizado, levando mesmo a que a dado momento o arquitecto que o projectou tenha defendido a sua demolição. Até que em 2018, o governo autorizou a verba de nove milhões de euros para a requalificação do edifício, e a instalação de um Centro de Congressos e de Exposições, um espaço multidisciplinar destinado a eventos culturais, científicos e empresariais, no âmbito de uma direcção executiva da Universidade de Lisboa que ficará responsável pela gestão e programação futuras. E assim,

o “novo” Centro de Exposições de Portugal abre as portas em Maio com vários momentos de intervenções culturais, com destaque para uma mostra que inclui uma abordagem dos nossos tempos sobre a obra de Luís de Camões, e a inauguração a 22, data do aniversário da Exposição de Lisboa, de uma nova Sala de Estudo aberta 24 horas por dia para todos os estudantes do país que a queiram utilizar. Há ainda a Biblioteca Mega Ferreira e um Centro Interpretativo do Parque das Nações.

Francisco Figueiredo

ÚLTIMA PÁGINA

TER MEMÓRIA!



LUÍS GARRA
INTER-REFORMADOS

O 25 de Abril é um marco na história de Portugal, já que pôs fim a um passado de miséria, terror, guerra, prisão, tortura e morte e deu-nos direitos políticos, económicos, sociais, culturais e ambientais. Importa lembrar que na ditadura fascista havia analfabetismo (filho de operário, operário havia de ser), na maioria das casas não havia água, electricidade e esgotos e os electrodomésticos e o carro eram uma miragem, os despedimentos eram quando o patrão quisesse, os salários eram miseráveis (hoje voltam a sê-lo), as pensões de reforma eram mínguas, o destino da nossa juventude era a guerra. Com a liberdade que Abril nos deu e Maio consolidou todos sentiram os resultados concretos de uma Revolução que transformou a vida e a sociedade. Mas não está tudo bem e é preciso: i) dar dignidade ao trabalho e a quem trabalha; ii) defender e melhorar o Serviço Nacional de Saúde e os seus profissionais; iii) assegurar o direito ao ensino e à educação; iv) garantir o acesso à habitação com qualidade e a preço acessível; v) dar atenção às políticas de mobilidade e transportes e à sustentabilidade ambiental.

Luís Garra

Escreva e envie-nos o seu texto para geral@noticiasdacovilha.pt

OS TRABALHADORES DA AUTO MONTE ESTRELA TAMBÉM LÊM O NOTÍCIAS DA COVILHÃ

E EM MAIS DE 200 LOCAIS:

- Casa da Sorte - Unh. da Serra
- Meu Super - Tortosendo
- Pingo Doce
- P. Papelito - Manteigas
- CM Covilhã
- Serra Shopping

- Lidl - Covilhã
- CM Penamacor
- Central Camionagem
- Centro Hospitalar
- Estação da CP - Covilhã
- Galp da Covilhã
- Tab. Rogeiros - Boidobra
- Amanhecer - Teixoso

- Junta Freg. Belmonte
- Junta Freg. Teixoso
- C.C. Estação - Covilhã
- Mepisurfaces
- Mercado Municipal
- G.Recr. Refugiense
- Quiosque Estrela 2000
- P. Sonypal - Tortosendo

- Intermarché - Covilhã
- Twintex
- UBI - Polo 1
- UBI - Biblioteca Central
- UBI - Ciências
- UBI - Engenharias
- Fitecom - Tortosendo
- Espl. O Jardim - Penamacor

CURTA COM... / Luzia Mendes

80 ANOS, ANTIGA OPERÁRIA

Foi operária nos lanifícios. Com que idade começou a trabalhar?

Comecei aos 14 anos e reformei-me aos 50, por invalidez. Ainda estudei costura no Colégio das Freiras, porque a minha mãe tinha uma visão larga, de que saber só uma coisa não dava, mas fui urdieira mecânica na fábrica Fernando Antunes. Aprendi na João Bernardo e durante nove meses não ganhava nada. Fui para lá nessa condição.

Havia muitas crianças nas fábricas?

Havia miúdos que estavam a aprender, não tinham idade, e os mestres tinham de os esconder, para não serem apanhados. Quem fazia a quarta classe, como eu, tinha de esperar um tempo, até aos 14 anos, que era a idade permitida. Para não ficarem na rua, sem fazerem nada,

iam pedir às fábricas para irem dar fios, mais tarde enfiar as lamelas.

E as condições de trabalho?

Trabalhava das 8:00 às 17:00, ao sábado também. Fui trabalhar numa máquina em que tinha de se fazer força, carregar com um pé para ela andar. Depois apareceram as elétricas, o que facilitava um bocadinho, mas fui adquirindo uma postura no trabalho e fiz uma escoliose e uma tuberculose óssea. Muita gente, por causa do barulho das lançadeiras, ficou com problemas de audição. E os trabalhadores dos lanifícios sempre ganharam mal.

Ao longo dos tempos, que evolução notou?

As coisas foram melhorando. O 25



“**Temos de reclamar pelos direitos que são justos**”

de Abril, e as greves, trouxeram mais direitos. A Greve dos Mil Escudos representou um aumento para todos. Na altura em que se começou a receber o subsídio de férias e de Natal era quando a gente comprava alguma coisa, uma máquina lavar, com aquele dinheirito.

O que é que há a melhorar?

Que as pessoas tenham salários que lhes dê outra capacidade. É uma questão de reconhecimento e da dignidade da pessoa, porque todo o trabalho é digno, mas às vezes não é reconhecido. Não podemos deixar que os nossos objetivos vão por água abaixo, temos de reclamar pelos direitos que são justos.

ANA RIBEIRO RODRIGUES